

OBRAS COMPLETAS EM PORTUGUÊS

# BAKUNIN

*Vive*



ISSN 2763-5554

#3  
AGOSTO, 2022.

Revista

# **BAKUNIN VIVE**

ANO 2, N. 03. 2º SEMESTRE DE 2022

A *Revista Bakunin Vive* é uma publicação semestral organizada pelo Arquivo Bakunin e pelo Projeto Obras Completas de Mikhail Bakunin, que se dedicará a publicar traduções inéditas ou retraduições da obra do filósofo russo Mikhail Bakunin (1814-1876).

### **CORPO EDITORIAL**

#### *Editor-Geral*

Tadeu Bernardes de Souza Toniatti

#### *Editores associados*

Francisco Raphael Cruz Maurício  
Leon Martins Carricone Azevedo  
Luciana Ribeiro de Brito  
Rômulo de Souza Castro  
Sávia Bona Vasconcelos Soares  
Selmo Nascimento da Silva

#### *Diagramação*

Editora Terra sem Amos

#### *Revisão técnica*

Graciella Fabrício da Silva  
Tadeu Bernardes de Souza Toniatti  
Selmo Nascimento da Silva

#### *Arte de capa*

Editora Terra sem Amos

### **ARQUIVO BAKUNIN**

### **PROJETO OBRAS COMPLETAS DE MIKHAIL BAKUNIN**

[www.arquivobakuninbr.com.br](http://www.arquivobakuninbr.com.br)

-

ISSN: 2763-5554 (online)

# SUMÁRIO

Editorial .....	05
Carta a um francês .....	07



# EDITORIAL

Chegamos ao terceiro número da revista Bakunin Vive! O projeto de tradução para o português e o início do processo de publicação das obras completas de Mikhail Bakunin é hoje uma realidade.

Ao longo dessas três edições, novos colaboradores somaram-se a esta iniciativa inédita, renovando os esforços necessários a execução e publicização da revista. Esta terceira edição sai, então, envolta no sentimento de estarmos cumprindo a missão a que nos propomos desde o número inaugural. Contudo, sabemos ser apenas o começo.

Nesta edição, a leitora e o leitor terão acesso à terceira parte de *Carta a um francês*. As duas partes anteriores foram publicadas no segundo número de Bakunin Vive! E já adiantamos que uma quarta e última estará na próxima edição da revista.

*Carta a um francês* foi redigido entre agosto e setembro de 1870, em Locarno, e publicado pelo *La Solidarité*, periódico da cidade também suíça de Neuchâtel. O texto trata do desenvolvimento da Guerra Franco-Prussiana entre o Império Francês e o Reino da Prússia, iniciada em julho daquele ano, que se desdobraria no ano seguinte com os eventos da Comuna de Paris.

A produção e publicação do texto situam-se, então, em tal contexto geopolítico, mas, também, entre dois eventos da biografia do autor: o rompimento das relações pessoais e políticas com Netchaiev, ocorrido em julho de 1870, e a participação de Bakunin, em setembro do mesmo ano, na Insurreição de Lyon, ainda no contexto da Guerra Franco-Prussiana.

*Carta a um francês* revela Bakunin como atento e metucioso analista da vida política europeia em geral e do contexto francês em particular. Sua análise parte da correlação de forças entre os Estados imperiais na guerra, e das lutas de classe no interior de cada Estado. Sua conclusão política é que os revolucionários e as massas populares encarem a guerra imperial como oportunidade para o desenvolvimento da guerra civil entre as classes burguesa e proletária em cada nação. Tese cuja originalidade é erroneamente atribuída à Lenin.

Em tal contexto seria possível uma insurreição popular na França se desdobrar em revolução social na Europa. O texto revela que no pensamento de Bakunin, a teoria da revolução popular é indissociável de uma teoria das guerras imperialistas. E ainda mais. A teoria da revolução prescinde de uma teoria das classes que reconheça no campesinato, um sujeito revolucionário, e na aliança operário-camponesa, o elo vital de toda e qualquer revolução verdadeiramente social e infalivelmente vitoriosa.

O corpo editorial desta rebelde revista deseja uma boa leitura, agradece o apoio recebido e faz o convite a você somar-se como nosso colaborador em tarefas editoriais necessárias para que a revista prospere e continue sendo uma realidade.



# CARTA A UM FRANCÊS

Tradução: Luciana Brito

CONTINUAÇÃO II (70021CEF)

21 de agosto de 1870

Locarno, Suíça

Acredito ter provado suficientemente que a França não pode mais ser salva pelos meios regulares, pelos meios do Estado. Mas, em uma nação, além da organização artificial do Estado, só existe o povo; portanto a França só pode ser salva pela ação imediata, não política, do povo: pelo levante massivo de todo o povo francês, organizando-se espontaneamente, de baixo para cima, para a guerra de destruição, a guerra selvagem a punhaladas.

Quando uma nação de 38 milhões de homens se levanta para se defender, determinada a destruir tudo e se deixar exterminar com todos os seus bens, se preciso, em vez de sofrer a escravidão, não há exército no mundo, por mais habilmente organizado e equipado com armas novas e extraordinárias que seja, que a possa conquistar.

Toda a questão é saber: o povo francês é capaz de tal levante? Esta é uma questão de fisiologia histórica nacional. Será que o povo francês, por uma série de desenvolvimentos históricos, sob a influência do bem-estar e da civilização burguesa, se tornou um povo burguês, doravante incapaz de resoluções supremas e paixões selvagens, e preferindo a paz com a escravidão a uma liberdade que deve ser obtida através de imensos sacrifícios, ou teria conservado, sob a aparência desta civilização corruptora, toda ou pelo menos parte da potência natural, desta seiva primitiva, que fez dela uma grande nação?

Se a França fosse composta apenas pela burguesia francesa, eu não hesitaria em responder de forma negativa. A burguesia, tanto na França como em quase todos os outros

países da Europa Ocidental, constitui um corpo imenso, infinitamente mais numeroso do que se poderia pensar, e que empurra suas raízes para o proletariado, cujos estratos superiores ela corrompeu bastante. Na Alemanha, apesar de todos os esforços dos jornais socialistas para provocar no proletariado o sentimento e a consciência de seu antagonismo necessário em relação à classe burguesa (*Klassenbewusstsein, Klassenkampf*), os trabalhadores, e, em parte, também os camponeses, estão completamente presos nas redes da burguesia, que os envolve de todos os lados com sua civilização e fez penetrar seu espírito nas suas massas. E os próprios escritores socialistas que trovejam contra a burguesia são burgueses da cabeça aos pés, propagadores, apóstolos da política burguesa, e por uma consequência necessária, na maioria das vezes sem saber e sem o querer, são defensores dos interesses da burguesia contra o proletariado.

Na França, os operários estão muito mais energicamente separados da classe burguesa do que na Alemanha, e eles tendem a se separar cada vez mais. No entanto, a influência deletéria da civilização burguesa não deixou de corromper um pouco o proletariado francês. Isto explica a indiferença, o egoísmo e a falta de energia que se observa em certas categorias muito mais bem remuneradas que as outras. Eles são semiburgueses por interesse e também por vaidade, e são contrários à revolução, porque a revolução social os arruinaria.

A burguesia constitui, então, um cor-

po muito respeitável, muito considerável e muito numeroso na organização social da França. Mas se toda a França fosse apenas burguesa, neste momento, na presença da invasão prussiana que está marchando sobre Paris, a França estaria perdida.

A burguesia sobreviveu à sua época heroica; não é mais capaz de resoluções supremas como em 1793, pois desde aquela época, saciada e satisfeita, ela decai sempre. Ela ainda sacrificará a vida de seus filhos, se necessário, mas não sua posição social e seus bens, pela satisfação de uma grande paixão, pela realização de uma ideia. Ela aceitará todos os jugos alemães e prussianos possíveis em vez de renunciar aos seus privilégios sociais, em vez de se igualar economicamente com o proletariado. Não vou dizer que lhe falta patriotismo. Ao contrário, o patriotismo, no sentido mais estrito da palavra, é sua virtude exclusiva. Sem jamais querer admitir e muitas vezes sem sequer suspeitar, ela adora a pátria, mas apenas porque a pátria, representada pelo Estado e toda absorvida pelo Estado, garante seus privilégios políticos, econômicos e sociais. Uma pátria que deixasse de fazê-lo, cessaria de ser uma pátria para ela. Assim, para a burguesia, a pátria, toda a pátria, é o Estado. Patriota do Estado, ela se torna inimiga furiosa das massas populares, todas as vezes que, cansadas de servir de carne para o governo e de pedestal passivo e sempre sacrificado para o Estado, elas se revoltam contra o Estado; e se a burguesia tivesse que escolher entre as massas revoltadas contra o Estado e os prussianos invasores da França, ela certamente teria optado por estes últimos - porque, por mais desagradáveis que sejam, eles são, no entanto, os defensores da civilização, os representantes da ideia do Estado, contra toda a ralé do mundo. A burguesia de Paris e da França não optou, por esta mesma razão, em 1848, por Napoleão III? Ela não conserva ainda o regime, o governo, a administração de Napoleão III, depois que se tornou evidente para todo mundo que este regime, este governo e esta administração arrastaram a França para o abismo? A burguesia de Paris e de toda a França não os conserva apenas porque teme,

porque sabe que sua derrubada será o sinal para a revolução popular, para a revolução social? E este medo é tão poderoso que a torna intencionalmente traidora da pátria. Ela é suficientemente inteligente para compreender, e bem informada para saber que este regime e esta administração são incapazes de salvar a França, que não têm nem vontade, nem inteligência, nem poder, e apesar disso ela os mantém - porque teme ainda mais a invasão da civilização burguesa pela barbárie popular, do que a da França pelos prussianos.

Mesmo assim, a burguesia, toda a burguesia francesa, neste momento se mostra sinceramente patriota. Ela detesta cordialmente os prussianos, e está disposta a fazer grandes sacrifícios de soldados tirados em grande parte do povo, e de dinheiro, cujo pagamento cairá naturalmente, mais cedo ou mais tarde, também sobre o povo, para expulsar o insolente e ameaçador invasor do território francês. Porém, ela quer absolutamente que todos os produtos desses sacrifícios populares e burgueses sejam concentrados exclusivamente nas mãos do Estado, e que, na medida do possível, todos os voluntários armados sejam transformados em soldados do exército regular. Ela pretende que qualquer iniciativa individual de uma organização extraordinária, seja financeira, administrativa, higiênica ou militar, seja o que for, seja sofrida e permitida somente na condição de que ela se submeta à supervisão imediata do Estado; e que os corpos francos, por exemplo, só possam se organizar e se armar pelo intermédio e sob a responsabilidade pessoal de chefes autorizados e patenteados pelo Estado, de proprietários ou de burgueses bem conhecidos, bem posicionados, de cavalheiros ou homens decentes, em uma palavra. Dessa maneira, os homens do povo que farão parte dos corpos francos deixarão de ser perigosos. Mais do que isso, se seus chefes cavalheiros souberem lidar bem com eles, se souberem organizá-los bem, liderá-los, eles podem se tornar, se necessário, seus corpos francos contra uma insurreição popular, como foi feito em junho de 1848 com os guardas móveis de Paris<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Nota do autor: Russo, me vejo na necessidade desagradável

A este respeito, os burgueses de todas as cores, dos mais atrasados reacionários aos mais raivosos jacobinos, são unânimes: eles compreendem e querem a salvação da França somente por meio e por intermédio do Estado, da organização regular do Estado.

As diferenças que os separam são apenas sobre a forma, a organização, a denominação do Estado, e os homens aos quais será confiada a liderança do Estado, - mas todos eles querem igualmente a conservação do Estado, e é isso que os une a todos em uma mesma grande traição da França, que só pode ser salva por meios que impliquem a dissolução do Estado.

Os imperialistas querem, se possível, a preservação do Estado imperial. Eles se desesperavam com isso há quinze dias. Agora, graças à culpada covardia do Partido Radical, que os deixou existir, mais do que isso, lhes deixou o poder oficial, acreditando que só estaria em suas mãos um vão simulacro, útil para evitar uma revolução que eles temiam, - agora os imperialistas levantam a cabeça. Eles não perderam tempo, e enquanto os retóricos da esquerda, elogiados por sua abnegação patriótica e moderação, estavam se baseando na vaidosa contemplação de seu pretense poder e generosidade, Palikao, o ministro da guerra, Chevreau, o jesuíta, e o preferido da Imperatriz e ministro do Interior, Jérôme David, o já mencionado ajudante de campo de Plomb plomb<sup>2</sup>, e Duvernois, o já mencionado confidente de Napoleão III, aproveitando-se de sua posição e do imenso poder que a centralização lhes deu, estenderam uma nova rede por toda a França, não para acelerar a defesa, o armamento, a re-

---

de precaver meus amigos, os socialistas revolucionários franceses, contra os líderes poloneses. Conheço uma massa de poloneses e encontrei apenas dois ou três socialistas sinceros entre eles. A imensa maioria são nacionalistas raivosos - A imensa maioria da emigração polonesa foi devotada aos Napoleões até seu último dia, porque eles esperavam loucamente que dos Napoleões viesse a libertação de sua pátria. Os poloneses são conservadores por posição e tradição. Os mais avançados são os democratas militares. - Seus jornais mais vermelhos repelem unanimemente o socialismo - que quase todos os poloneses abominam - menos o povo polonês, sem dúvida, que nunca teve voz ou ação, e cujos instintos são socialistas, como são em geral os instintos e interesses de todas as massas populares.

2 NE: "Plon-plon" era o apelido de infância do príncipe Jérôme Napoléon, utilizado mais tarde para o ridicularizar. A expressão "plomb plomb", de pronúncia idêntica, associa o apelido ao chumbo ("plomb").

volta patriótica do país, mas, ao contrário, para os comprimir e paralisar, nas cidades, e ao mesmo tempo para reavivar no campo o pensamento e as simpatias napoleônicos. Eles usaram seus prefeitos<sup>3</sup> e subprefeitos, seus mestres, seus gendarmes e seus guardas de campo e também o zelo muito interessado dos senhores padres, para fazer em todas as aldeias uma enorme propaganda, representando os comunistas, os republicanos e os orleanistas como traidores que entregaram o Imperador e a França aos prussianos. E graças à ignorância crassa dos camponeses franceses, parece que eles tiveram bastante sucesso. Eles organizaram no campo uma espécie de terror branco contra todos os opositores do regime imperial - Você sabe do fato que acaba de ocorrer na feira de Haute-Faye, cantão de Nontron, na Dordogne? O sr. de Monéjs filho, um jovem de 29 anos, acaba de ser queimado vivo por camponeses, por não ter querido gritar: "Viva o Imperador!". Eis o que acabo de ler hoje em *L'Emancipation* de Toulouse<sup>4</sup>: "Os jornais primeiro (*Les Débats* e *Le Figaro*) e cartas particulares, em seguida, dão detalhes lamentáveis do tipo de terror imperial que reina no campo. Em todos os lugares, os cidadãos conhecidos por suas ideias democráticas são desprezados, ameaçados e muitas vezes até agredidos. Parece que foi dada uma ordem, pois em todos os lugares é feita a mesma acusação inepta de que eles traíram o Imperador e entregaram a França à Prússia. O *Les Débats* reproduz a carta de Bar-sur-Aube, e de outro proprietário de Poitiers. O *Le Figaro* fala de uma espécie de Jacquerie<sup>5</sup> organizada na Picardia. Eu mesmo recebi cartas de vários amigos da Charente-Inférieure, Isère e Gironde. O terrível crime de Nontron é apenas um episódio entre muitos do mesmo tipo". E aqui está o que diz *Le Peuple Français*<sup>6</sup> - o jornal do Sr. Duvernois, hoje ministro: "Eis um fato que naturalmente fará refletir pessoas que gostam de tratar o Império e o Imperador como se eles não existissem mais. O sr. conde d'Es-

---

3 NE: Magistrado encarregado da administração de um departamento (divisão territorial francesa).

4 NT: Jornal republicano.

5 NE: Revolta de camponeses contra a nobreza, em 1358.

6 NE: O nome do jornal significa "O Povo Francês".

tourmel, deputado da Somme, tendo visitado recentemente seu departamento, estava dando notícias sobre a guerra a um grupo de lá. ‘E o Imperador?’, lhe perguntaram avidamente. ‘O Imperador, vamos pronunciar seu destronamento.’ A população indignada o cobriu de golpes e já havia colocado a corda ao redor do pescoço para enforcá-lo, mas graças à intervenção... etc. Estamos longe, sem dúvida, de justificar estes atos de violência, mas... etc.”

Está claro, não está? Não estou certo em dizer que o ministério não perde tempo? Os bonapartistas estão decididamente recuperando a fé em si mesmos e no regime Imperial. Agora, eis o que li no Liberté: “Rouher, Schneider, Persigny, Baroche, e o general Trochu assistem sempre a todos os Conselhos de Ministros”. Por fim, eis ainda uma correspondência da Gazeta de Turim: “Parece que surgiu uma desilusão bastante séria entre o general Trochu e o conde Palikao. Este último queria absolutamente remover a guarda móvel de Paris, enquanto o general Trochu quer mantê-la. Foi a Imperatriz que exigiu obstinadamente esta medida do conde Palikao. Ela não pode perdoar a guarda móvel por ter insultado Napoleão III em Chalons, e teme que, na primeira oportunidade, esta se revele inimiga da dinastia. Trochu não queria ceder, Palikao insistia. Thiers os pôs de acordo em nome da pátria. Esta não foi a única oposição que o general Trochu encontrou por parte do Ministro da Guerra. Ele queria suspender a proibição pronunciada contra os quatro jornais radicais e também exigiu a destituição do prefeito da polícia, Piétri, mas teve que desistir diante da obstinada oposição dos ministros. A Imperatriz exerceu em Paris a mesma influência funesta que Napoleão III exerceu no exército. É certo que sua presença prejudica muito a livre ação de Mac-Mahon, que tem que se ocupar muito mais da defesa da pessoa imperial do que da luta contra o inimigo. Ele foi convidado a se retirar, mas persiste em ficar, apesar de o descontentamento dos soldados em relação a ele crescer diariamente... Você sabe que Rouher, Baroche, Persigny, Granier de Cassagnac, Dugue de la Fauconnerie o visi-

taram em Reims... É evidente que existe um governo pessoal oculto, do qual o governo ostensivo, na medida do possível, é o muito humilde servidor.

Finalmente, a sessão do Corpo Legislativo (do dia 23 ou 24) prova que o ministério se acredita agora forte o suficiente para ser capaz de tirar a máscara.

Palikao disse que, ao rejeitar a proposta de Keratry (referente aos 9 ou 3 deputados, eleitos pela Câmara, a serem acrescentados ao Comitê de Defesa de Paris) - que rejeitando esta proposta, os ministros permaneceram dentro da legalidade. E aqui está o resumo do discurso de Duvernois: “A Câmara, ao dar sua confiança ao ministério, nos dá a possibilidade de cumprir nossa dupla tarefa: a de defender a França contra a invasão, e a de defender estritamente a ordem interna, porque a ordem interna é a condição de nossa segurança contra o inimigo. Não podemos nos associar à proposta do Sr. Keratry, porque isso significaria nos associarmos à violação da Constituição que protege o senhor, que protege as liberdades públicas, da Constituição, a qual, fique sabendo, não permitiremos que seja violada por nenhum poder. Não somos o ministério de um golpe de estado, nem de um golpe de Estado parlamentar, nem de um golpe de Estado monárquico. Somos um ministério parlamentar. Queremos contar com a câmara, e somente com a câmara (não com o povo de Paris - mas com esta câmara, porque a imensa maioria desta câmara é bonapartista) - e permita-me lhe dizer, que nosso respeito pela Constituição, é a sua garantia...”

Voz - É uma ameaça.

Duvernois - Não, não é uma ameaça. Quero apenas dizer que nós, o governo, temos o dever de respeitar a Constituição em virtude da qual somos o poder e em virtude da qual governamos...

Palikao - Os inimigos externos, nós os combateremos, até que tenhamos libertado nosso país deles. Os inimigos internos serão reduzidos à impotência. Tenho em mãos todos os poderes necessários para isso, e respondo pela tranquilidade de Paris.

Thiers - O sr. Ministro do Comércio invocou aqui o interesse das instituições... A França luta por sua independência, por sua glória, por sua grandeza, pela inviolabilidade de seu solo: à direita, à esquerda, em toda parte, é por isso que lutamos... Mas, por favor, não ponha as instituições em jogo aqui, você nos forçaria a lembrá-lo que elas são, mais do que os homens, as autoras de nossos males”.

Assim, você vê que os bonapartistas ainda não abandonaram sua partida. Eles detêm o poder, e todo o incontável pessoal de uma administração gigantesca, apoiada pelo clero, é deles. Eles tentarão ter o Príncipe Imperial coroado, e se não conseguirem, aproveitarão seu poder para se venderem bem caro para os Orleans.

A burguesia legitimista e orleanista, sobretudo, hoje muito mais numerosa do que a burguesia bonapartista e a burguesia radical juntas, esconde-se completamente atrás das frases ocas de um patriotismo desinteressado, não tendo ainda chegado o seu tempo, o tempo dos Orleans, porque é completamente impossível para esses últimos retornarem com os prussianos. Além disso, eles não se importam de maneira nenhuma em aceitar diretamente a herança de Napoleão III; eles não querem nem sua herança política, nem sua herança administrativa, nem sua herança financeira, e isso por muitas razões. Em primeiro lugar, seria excessivamente desagradável para eles se comessem seu reinado com medidas de terrorismo e salvação pública, que serão indispensáveis para limpar a França dos vermes bonapartistas. Eles também não desejariam começar seu reinado com a bancarrota, e ela será inevitável para qualquer Estado que suceda ao reinado de Napoleão, nenhum Estado podendo ser fundado com o imenso déficit que ele legou a seu sucessor. Já faz muito tempo, desde 1863 e 1864, que os orleanistas disseram: “É preciso que os republicanos venham primeiro, que façam tábula rasa na administração, que vão, acima de tudo, à bancarrota, depois da qual nós chegaremos”. Portanto, não ficaria nada surpreso se Thiers, Trochu, Daru e tantos outros se declarassem em primeiro lugar pela

República. Estou até convencido de que, se a oportunidade se apresentar, eles o farão. De início, isso vai correr muito bem – eles serão, sob o regime republicano, homens possíveis, úteis, e, direta ou indiretamente, conservarão uma grande influência sobre o governo. Eles não temem a república, e têm razão. Eles sabem que a república de Gambetta e companhia só pode ser uma república política, excluindo o socialismo, as massas populares, e confirmando, inclusive fortalecendo, aquele *sanctus sanctorum*, aquela cidadela da burguesia, o Estado. Eles sabem que esta república, precisamente porque vai se colocar como inimiga do socialismo, destruída por este último, logo será obrigada a abdicar em favor da monarquia - e que os Orleans poderão então voltar à França, às aclamações da burguesia francesa e da burguesia de toda a Europa, como salvadores da civilização e da pátria...

Aqui está em toda a sua verdade e integridade o plano dos orleanistas. Portanto, podemos considerá-los agora, apenas por hoje, como republicanos sinceros. Eles não estão bloqueando o caminho de Gambetta; pelo contrário, vão empurrá-lo ao poder. E de forma alguma ficarei surpreso, se amanhã, ou depois de amanhã, soubermos que Gambetta e companhia (os Picards, os Favres, os Jules Simons, os Pelletans, os Grevys, os Keratrys e tantos outros) derem, em acordo com Thiers e Trochu, um golpe de Estado republicano... a menos que Palikao, Chevreau, Duvernois e Jérôme David já tivessem tomado medidas tão enérgicas e eficazes que tal mudança de cenário teria se tornado impossível. Mas duvido que o possam evitar se Gambetta se entender com Thiers e Trochu.

Assim chegamos ao partido Republicano, radical, jacobino, o partido de Gambetta. Suponhamos que ele se aposse do poder e da ditadura de Paris. Você acredita que ele quer, que ele pode dar liberdade de movimento à Paris, à França? De forma alguma. Tido em cheque pelo socialismo revolucionário, será forçado a lhe fazer guerra até a morte e poderá se tornar tanto mais opressivo quanto mais suas medidas de compressão tiverem o

aspecto de medidas necessárias para a salvação da liberdade. Será ele pelo menos capaz de organizar uma força suficiente para repelir a invasão prussiana? Ah! Mil vezes não! E vou provar isso a você como 2 vezes 2 são 4.

Jacobino, ele buscará necessariamente a salvação da França no exagero do Estado. Mesmo se fosse federalista, girondino, - e sabemos que ele não é, como não o é todo o seu partido - então novamente, em vista da invasão alemã aos portões de Paris, ele será forçado a fazer uma centralização extraordinária. Acredite, os jacobinos não vão nem mesmo destruir a atual administração, aquela rede de reação bonapartista que está sufocando a França, e por duas razões: a primeira é que depois de ter deixado passar 15 a 20 preciosos dias, durante os quais poderiam ter feito a revolução com muito menos perigo para Paris e para eles mesmos, e com muito mais chances de sucesso do que hoje, os republicanos de Paris chegaram agora a esta situação de não poder empreender nada, de não fazer nada, sem o consentimento e a cooperação de Trochu e de Thiers. Assim, Thiers e Trochu farão parte do novo Governo, o Governo Gambetta, a menos que, para derrubá-los, Gambetta faça uma segunda revolução, o que será impossível para ele, primeiro porque terá como colegas republicanos tais como Picard, Jules Favre; Jules Simon, Pelletan, e tantos outros, que, tão reacionários quanto Thiers e Trochu, não possuem os incontestáveis talentos nem a grande habilidade e hábito prático destes. Para expulsar Thiers e Trochu, Gambetta teria primeiro que expulsar do governo esses republicanos moderados - Para isso, seria necessário fazer ao verdadeiro povo de Paris, aos revolucionários socialistas...<sup>7</sup> e seria a morte de Gambetta... Ele se conhece muito bem e diz para si mesmo as palavras que lhe foram dirigidas pelo Liberté do dia 26: “Você não precisa fazer a revolução, ela agora é feita em todas as mentes. Todos sentem hoje a necessidade irrevogável disso. Não é mais do que uma questão de oportunidade e de tempo... Por que, então, esta impaciência? Mas imprudente como Você é, não sente que se em vez de esperar pela solução e resolvê-la

politicamente, Você soltar o leão popular, Você será o primeiro a ser devorado?” - Eis porque Gambetta não expulsará nenhum dos republicanos moderados do governo e não expulsará nem Thiers, nem Trochu. Ele não os expulsará ainda por outra razão: não sendo um revolucionário socialista, não podendo por consequência apoiar francamente sua ação sobre o proletariado, sobre os trabalhadores, sobre o povo, ele deverá forçosamente buscar o apoio da burguesia mais ou menos radical, assim como o do exército; pois bem, Thiers e Trochu vão lhe assegurar um e outro. Portanto, eles são necessários, inevitáveis. Mas com Thiers e Trochu as medidas radicais, mesmo do ponto de vista exclusivo do jacobinismo revolucionário, serão impossíveis - ou elas serão possíveis apenas contra o povo, contra os revolucionários socialistas, não contra a reação burguesa. O último decreto de Trochu, sua proclamação de 25 de agosto, ordena a expulsão de Paris de todos os indivíduos que não podem provar que possuem meios de existência, não porque seria difícil, se não impossível, alimentá-los durante o cerco, o que seria uma razão muito plausível, mas “porque sua presença constituía um perigo para a ordem pública e para a segurança das propriedades e das pessoas”. Ela ameaça igualmente de expulsão “todas as pessoas que por suas ações tentariam paralisar as medidas de defesa e segurança geral” - A primeira parte desta proclamação, dirão, refere-se apenas aos ladrões, embora possa muito bem se estender a todos os trabalhadores que os seus, ou forçados pela crise ou simplesmente por acharem útil, expulsarem de suas oficinas. Quanto à segunda parte, ela é dirigida diretamente aos revolucionários socialistas. - É uma medida ditatorial e de salvação pública contra a revolução.

Aqui, então, está a primeira razão pela qual Gambetta não empreenderá a reforma radical da atual administração. Com companheiros como Thiers, Trochu, Picard, Pelletan, Favre e Jules Simon só se pode fazer reação, não revolução. Mas há ainda outra razão que o impedirá de destruir imediatamente a administração imperial. É impossível destruir de um só golpe esta administração, por-

<sup>7</sup> NE: Parece faltar uma palavra no original.

que é impossível substituí-la imediatamente por outra - haveria, portanto, em meio a um perigo terrível, um momento de mais ou menos longa duração durante o qual não haveria na França nenhuma administração, e por consequência nenhum vestígio de governo - durante o qual as populações da França, completamente abandonadas a si mesmas, seriam presas da mais terrível anarquia. Isto pode estar bem, estar bem para nós, revolucionários socialistas, mas não pode entrar nas ideias dos jacobinos, homens de Estado por excelência. Reformar a administração pouco a pouco, em meio ao perigo, com a invasão às suas portas, ainda é uma coisa impossível; antes de tudo, porque esta reforma não pode partir da iniciativa de qualquer ditadura, seja individual ou coletiva; ela será ilegal e nula, se não vier da iniciativa de uma Assembleia Constituinte, transformando o governo e a administração da França em nome do sufrágio universal. Preciso provar que o atual Corpo Legislativo é incapaz de empreender, ou mesmo de desejar, uma reforma desse tipo? Além disso, Gambetta só poderá chegar ao poder com a dissolução deste parlamento bonapartista, e será impossível convocar uma nova constituinte, enquanto a invasão prussiana continuar batendo às portas de Paris. Enquanto os estrangeiros não forem expulsos do território francês, Gambetta e companhia serão obrigados a governar ditatorialmente, a ordenar medidas de salvação pública, mas não poderão empreender nenhuma reforma constitucional.

É verdade que numa reunião da esquerda, em 23 ou 24 de agosto, reunião na qual participaram Thiers e alguns membros avançados da centro-esquerda, tendo a esquerda manifestado sua intenção de derrubar o ministério, e tendo Thiers a exortado a não o fazer, finalmente perguntando: “Mas, enfim, por quem os substituirá, que homens colocará no Gabinete?”, uma voz, não sei qual, respondeu: “Não haverá mais Gabinete, o Governo será confiado a toda a nação armada, agindo através de seus delegados” - o que, a menos que não faça nenhum sentido, só pode significar isto: Uma Convenção Nacional revolucionária e restrita, não uma Constituinte legal e regu-

larmente composta pelos delegados de todos os cantões da França - mas uma Convenção exclusivamente composta pelos delegados das cidades que tenham feito a revolução. Não sei a quem pertencia esta voz louca que ressoou no meio deste conselho de sábios... talvez tenha sido o burro de Balaão, alguma montaria inocente daquele grande profeta Gambetta? Mas é certo que desta vez o burro falou melhor que o profeta. O que este burro anunciou, propôs, era nem mais nem menos do que a revolução social, a salvação da França pela revolução social. Portanto, eles nem sequer se dignaram a lhe responder.

Assim, o governo de Gambetta, ocupado com a defesa do país e de Paris sobretudo, e privado da assistência de um órgão constituinte, não poderá empreender, no momento atual, a reforma das instituições, do caráter e das próprias bases da administração. Suponhamos até mesmo que ele o desejasse, e suponhamos ainda que ele tivesse perto de si uma espécie de Convenção revolucionária, composta pelos delegados das cidades insurgentes, suponhamos finalmente - o que é absolutamente impossível - que a maioria desta Convenção seria composta por jacobinos como ele, e que os socialistas revolucionários formariam apenas uma minoria insignificante. Direi que mesmo neste caso, o que é totalmente impossível, o Governo Gambetta não poderá empreender ou executar nenhuma reforma radical e séria da atual administração. Seria querer empreender e executar um movimento de acompanhamento na presença de um poderoso inimigo, como o de Bazaine diante dos prussianos - movimento que tem funcionado tão mal para ele. Será este o momento - lembre que estou falando sempre do ponto de vista do Estado - de mudar radicalmente a máquina administrativa, quando a cada instante precisamos de seus serviços, de sua atividade mais enérgica? Para mudá-la, para transformá-la de uma maneira nem que seja um pouco radical e séria, seria necessário paralisá-la por duas semanas, por pelo menos três semanas - e durante todo esse tempo seria necessário passar sem seus serviços, e isso no meio de um perigo terrível onde cada momento é precioso - Mas isso se-

ria entregar a França aos prussianos.

Esta mesma impossibilidade impedirá Gambetta de tocar de forma minimamente radical no próprio pessoal da administração imperial. Ele teria que criar homens para substituí-la. E onde ele vai encontrar 100.000 novos funcionários públicos? Tudo o que ele poderá fazer é substituir os prefeitos e sub-prefeitos imperiais por outros que não serão muito melhores; pois entre esses novos funcionários haverá, esteja certo disso, pois está na lógica da situação atual e na força das coisas - haverá pelo menos 7 orleanistas para 3 republicanos - os orleanistas serão mais hábeis e mais malandros, os republicanos mais virtuosos e mais tolos.

Estas reformas pessoais, que são inevitáveis, necessariamente desmoralizarão ainda mais a atual administração. Haverá um cabo de guerra sem fim e uma guerra civil surda em seu seio, o que a tornará cem vezes mais incapaz de agir do que é hoje - de sorte que o governo de Gambetta tenha a seu serviço uma máquina administrativa que não valerá nem mesmo aquela que executa, mal ou bem, as ordens do atual ministério bonapartista.

Para evitar este mal, Gambetta sem dúvida enviará, a todos os departamentos, procônsules, comissários extraordinários munidos de plenos poderes. Será o auge da desorganização - Primeiro, porque, dada a posição de Gambetta e sua aliança forçada com Thiers e Trochu, dadas as virtudes e a inteligência patriótica dos Picard, Pelletan, Jules Simon, Favre e outros, pode-se ter certeza de que, para cada 3 comissários republicanos, haverá 7 orleanistas. Mas mesmo que suponhamos a proporção oposta, de 7 republicanos para cada 3 orleanistas, as coisas não correrão melhor.

Elas não correrão melhor pela razão de que não basta estar equipado com poderes extraordinários para saber tomar medidas extraordinárias de salvação pública, para ter o poder de criar novas forças, para provocar numa administração corrupta e desorganizada e em populações sistematicamente desabitadas a qualquer iniciativa, uma energia e atividade salutar. Para isso, é necessário ter em si aquilo que a burguesia de 1792-93 tinha

em tão alto grau e de que a burguesia atual, mesmo os republicanos de nossos dias, absolutamente carece - é necessário ter a inteligência, a vontade e a energia revolucionárias; deve-se ter o diabo no corpo - e como podemos imaginar que homens, que serão necessariamente menos do que Gambetta e companhia, abaixo destes corifeus do republicanismo moderno - já que, se fossem seus iguais, eles comandariam, se não em seu lugar, pelo menos com eles e não se permitiriam ser dirigidos por eles - como podemos imaginar que estes comissários enviados por Gambetta e companhia encontrariam neles mesmos esta inteligência, esta vontade, esta energia e este diabo, já que o próprio Gambetta, no momento mais supremo de sua vida e mais crítico para a França não os encontrou nem em seu próprio coração, nem em seu próprio cérebro?

Além destas qualidades pessoais que imprimem um caráter verdadeiramente heroico aos homens de 1793, os Comissários Extraordinários tiveram tanto sucesso com os Jacobinos da Convenção Nacional, porque esta Convenção foi realmente revolucionária e porque, contando em Paris com as massas populares, com o vil populacho, com exclusão da burguesia liberal, ordenou que todos os seus procônsules, enviados às províncias, contassem igualmente em todos os lugares e sempre com esta mesma ralé. Os Comissários Extraordinários enviados por Ledru Rollin em 1848, e aqueles que Gambetta não deixará de enviar aos departamentos, se chegarem ao poder, os primeiros devem tê-lo feito, e os segundos necessariamente farão um fiasco completo, pela razão inversa, e farão um fiasco ainda mais considerável do que os primeiros, porque esta razão inversa atuará ainda mais poderosamente sobre eles do que sobre seus predecessores de 1848. Esta razão é que os primeiros eram e os segundos serão, em um grau ainda maior e mais explícito, burgueses radicais, delegados do republicanismo burguês e, como tais, inimigos do socialismo revolucionário, inimigos naturais da revolução verdadeiramente popular. Este antagonismo da revolução burguesa e da revolução popular ainda não existia, em 1793,

nem na consciência do povo, nem mesmo na da burguesia. Ainda não havia sido desvelada da experiência histórica esta verdade de todos os tempos: que a liberdade de toda classe privilegiada, e conseqüentemente também a da burguesia, foi fundada essencialmente sobre a escravidão econômica do proletariado. De fato, como consequência real, esta verdade sempre existiu, mas foi tão confundida com outros fatos e mascarada por tantos interesses e tendências históricas diferentes, especialmente religiosos, nacionais e políticos, que ainda não havia surgido em sua grande simplicidade e clareza atual, nem para a burguesia, comanditária do trabalho, nem para o proletariado, por ela assalariado, o que quer dizer explorado. A burguesia e o proletariado sendo realmente inimigos naturais, inimigos eternos, mas sem o saber, e como resultado desta ignorância, atribuindo, uma os seus medos, o outro os seus males, a razões fictícias, não ao seu antagonismo real, eles acreditavam ser amigos - e acreditando ser amigos, marchavam unidos contra a monarquia e contra a nobreza e contra os sacerdotes. Esta foi a grande força dos burgueses revolucionários de 1793. Não apenas não temiam o desencadeamento das paixões populares, como também as fomentavam por todos os meios, como único meio de salvação para a pátria e para si mesmos contra a reação interna e externa. Assim que um comissário extraordinário, delegado pela Convenção, chegava a uma província, não se dirigia aos mandachuvas do país, nem aos revolucionários bem adequados, ele se dirigia diretamente aos sans-culottes, à ralé, ao vil populacho, e com ele contava exclusivamente para executar, contra os mandachuvas e os revolucionários, como era necessário, os decretos revolucionários da Convenção. Portanto, o que eles estavam fazendo não era nem centralização nem administração, mas provocação. Eles não vinham para uma terra para lhe impor ditatorialmente a vontade da Convenção nacional. Eles fizeram isso apenas em ocasiões muito raras, e quando chegaram a uma região que era decidida e unanimemente hostil e reacionária. Então eles não vinham sozinhos, mas acompanhados por tropas que acrescentavam o argumen-

to da baioneta à sua eloquência cívica. Mas geralmente eles vinham sozinhos, sem um soldado para apoiá-los, e procuravam apoio nas massas cujos instintos estavam sempre de acordo com os pensamentos da Convenção - longe de restringir a liberdade dos movimentos populares, por medo da anarquia, eles a provocavam de todas as maneiras. A primeira coisa que eles costumavam fazer era formar um clube popular onde não encontravam nenhum - eles mesmos, revolucionários de primeira, logo reconheciam nas massas os verdadeiros revolucionários e se aliavam a eles para insuflar a revolução, a anarquia, para colocar o diabo no corpo das massas e para organizar revolucionariamente esta anarquia popular. Esta organização revolucionária foi a única administração e a única força executiva que os Comissários Extraordinários usaram para revolucionar, para aterrorizar um lugar.

Este era o verdadeiro segredo do poder desses gigantes revolucionários, que os jacobinos-pigmeus de nossos dias admiram, sem nunca conseguir chegar perto.

Os comissários de 1848, antes de junho, já eram burgueses, que, como Adão e Eva após terem mordido o fruto proibido, já sabiam a diferença entre o bem e o mal, entre a burguesia explorando o trabalho popular e o proletariado explorado. Na maior parte do tempo, eram pobres diabos, proletários da pior espécie, boêmios da literatura mesquinha e da política dos cafés, gente desclassificada, desorientada, sem convicções profundas, apaixonadas e sem temperamento. Não eram pessoas que viviam suas próprias vidas, eram pálidas falsificações dos heróis de 1793. Cada um havia assumido um papel, e cada um tentou executá-lo da melhor forma possível. Aqueles de quem eles receberam seus mandatos não estavam muito mais convencidos, não eram mais apaixonados, mais enérgicos, mais verdadeiramente revolucionários do que eles mesmos. Eram sombras ampliadas, enquanto eles eram apenas pequenas sombras. Mas todos eles eram infelizes filhos da mesma burguesia, agora fatalmente separados do povo, tendo todos saído mais ou menos doutrinários da mesma

cozinha, a Universidade. Os heróis da grande revolução haviam sido, para eles, o que as tragédias de Corneille e Racine foram para os literatos franceses antes do nascimento da escola romântica - modelos clássicos. Eles tentaram imitá-los e o fizeram muito mal. Eles não tinham nem o caráter, nem a inteligência, nem, acima de tudo, a posição. Enquanto filhos da burguesia, sentiam-se separados do proletariado por um abismo, e não encontraram neles mesmos paixão ou resolução revolucionária suficiente para tentar o salto mortal. Permaneceram do outro lado do abismo e, para seduzir, para dirigir os trabalhadores, usaram mentiras, frases feitas e macaquices. Quando se encontravam no meio do proletariado, sentiam-se pouco à vontade, como pessoas geralmente honestas mas que se encontram na necessidade de enganar. Eles lutaram para encontrar neles mesmos um ser vivo, um pensamento fértil, mas não encontraram nenhum. Nesta fantasmagoria revolucionária de 1848, havia apenas dois homens de verdade: Proudhon e Blanqui, bastante diferentes, aliás, um do outro. Quanto ao resto, eram apenas maus atores que fizeram a revolução como os atores da Idade Média interpretaram a Paixão<sup>8</sup> - até que Napoleão III puxasse a cortina.

As instruções que os Comissários Extraordinários de 1848 receberam de Ledru Rollin foram tão incoerentes e vagas quanto os pensamentos revolucionários deste grande cidadão. Eram todas as grandes palavras da revolução de 1793, sem nenhuma das grandes coisas, nem os grandes objetivos, nem especialmente as resoluções enérgicas daquela época. Ledru Rollin, como burguês rico que ele é, como retórico e advogado, sempre foi e continua sendo inimigo natural e instintivo do socialismo revolucionário. Hoje, após grandes esforços, ele finalmente chegou a compreender as associações cooperativas, mas não sente mais a força para ir além delas. Louis Blanc, o Robespierre em miniatura, este inteligente e virtuoso adorador do Cidadão, é o tipo de comunista de Estado, do socialista doutrinário e autoritário. Ele escre-

<sup>8</sup> NE: Provavelmente uma referência às encenações populares da Paixão de Cristo.

veu em sua juventude uma pequena brochura sobre “a organização do trabalho”, e ainda hoje, na presença das imensas obras e desenvolvimentos prodigiosos da Internacional, ele ainda para por ali. Nem um sopro de seu discurso, nem uma centelha de seu cérebro deu vida a ninguém. Sua inteligência é estéril, pois toda sua personalidade é seca. Ainda hoje, em sua última carta recentemente dirigida ao Daily-News, na presença da terrível luta fratricida em curso entre as duas nações mais civilizadas do mundo, ele não encontrou mais nada em sua cabeça, nem em seu coração, a não ser o conselho aos republicanos franceses, “que proponham aos alemães, em nome da fraternidade dos povos, uma paz igualmente honrosa para ambas as nações”.

Ledru Rollin e Louis Blanc foram, como sabemos, os dois grandes revolucionários de 1848, antes dos dias de junho. Um era um advogado burguês e um retórico insuflado com pretensões dantonescas; o outro, um Robespierre-Babeuf reduzido às proporções mais ínfimas. Nem um nem o outro sabiam pensar, nem querer, e muito menos ousar. Além disso, o beijo de Lamourette<sup>9</sup> daquela época, Lamartine, havia impresso em todos os atos e todos os homens daquela época, menos Proudhon e Blanqui, sua falsa nota e seu falso caráter de conciliação - que, traduzido em linguagem séria, significava reação, sacrifício do proletariado à burguesia - e que levou, como é bem sabido, às jornadas de junho...

Os comissários extraordinários partiram, portanto, para as províncias abençoados por esses grandes homens e levando suas instruções no bolso. O que continham estas instruções? Frases ocas e nada mais. Mas além destas frases, ainda levavam consigo recomendações de caráter reacionário muito real, e que lhes foram acrescentadas pelos republicanos moderados do Nacional: os Marast, os Garnier-Pagès, os Arago, os Bastide, sem esquecer o sr. Jules Favre, um dos mais ferozes entre os republicanos reacionários desta época.

<sup>9</sup> NE: O deputado Antoine-Adrien Lamourette, da Assembleia Legislativa francesa, propôs, no dia 7 de julho de 1792, aos colegas que se beijassem em sinal de reconciliação, no que foi atendido. O episódio ficou conhecido como “baiser Lamourette” (o beijo Lamourette).

É de se admirar que tais comissários, enviados por homens tão grandes e que munidos tais instruções, não tenham feito nada nos departamentos, a não ser excitar o descontentamento de todos, pelo tom ditatorial e pelas maneiras de procônsul que lhes agradeu dar a si mesmos? Eles foram ridicularizados e não exerceram influência nenhuma. Em vez de se voltarem para o povo, e somente para o povo, como seus modelos de 1793, eles se ocupavam exclusivamente da moralização dos homens pertencentes às classes privilegiadas. Em vez de se organizarem em toda parte pelo desencadeamento de paixões revolucionárias, da anarquia e do poder popular, - pregaram ao proletariado, seguindo, além disso, estritamente as instruções que haviam recebido e as recomendações que lhes foram enviadas de Paris - a moderação, a tranquilidade, a paciência e a confiança cega nos generosos projetos do Governo Provisório. Os círculos reacionários das províncias, intimidados inicialmente por esta revolução que havia caído tão inesperadamente sobre suas cabeças e pela chegada destes representantes de Paris - vendo que estes senhores estavam se divertindo, apenas fazendo frases e se pavoneando em sua cômica vaidade, viram, por outro lado, que eles estavam negligenciando totalmente a tarefa de organizar o poder do proletariado contra os primeiros e fomentar contra eles a fúria das massas, a única coisa capaz de os conter e aniquilar, recuperaram a coragem e acabaram enviando a Assembleia Constituinte reacionária que vocês conhecem. Vocês sabem as tristes consequências.

Depois de junho foi outra coisa; os burgueses sinceramente revolucionários, aqueles que passaram para o campo do socialismo revolucionário, sob a influência da grande catástrofe que havia matado todos os atores revolucionários de Paris de uma só vez - tornaram-se homens sérios e fizeram sérios esforços para revolucionar a França. Eles até conseguiram, em grande parte. Mas era tarde demais, a reação, de seu lado, havia se reorganizado em um poder formidável; e graças aos terríveis meios dados pela centralização do Estado, acabou triunfando completamente, até mais do que desejava, nos

[na margem, uma nota de Guillaume: (29 de agosto)] jornadas de dezembro.

Pois bem, os comissários extraordinários que Gambetta não esquecerá, sem dúvida, de enviar aos departamentos, se conseguir derrotar, com a ajuda de Trochu e Thiers, a reação bonapartista em Paris, serão ainda mais miseráveis do que os comissários de 1848.

Inimigos dos trabalhadores socialistas, assim como da administração e dos camponeses bonapartistas, em que diabos eles poderão se apoiar? Suas instruções os obrigarão a encadear nas cidades o movimento revolucionário socialista e no campo o movimento bonapartista reacionário, com a ajuda de quem? De uma administração desorganizada e mal reformada, metade, se não três quartos da qual permaneceu bonapartista, e de algumas centenas de pálidos republicanos e orleanistas da localidade? De republicanos tão pálidos, tão insignificantes, tão incertos e desorientados como eles mesmos, permanecendo fora de qualquer massa popular e não exercendo influência sobre ninguém; e dos orleanistas, bons como todos os ricos e bem criados, bons para explorar e para transformar por suas intrigas um movimento em benefício da reação, mas incapazes de qualquer resolução ou ação enérgica. E os orleanistas ainda serão os mais fortes, pois além dos consideráveis meios financeiros à sua disposição, eles ainda têm a vantagem de saber o que querem, enquanto os republicanos, para sua grande pobreza, ainda têm a terrível desgraça de não saber para onde estão indo e de permanecer alheios a todos os interesses reais, tão privilegiados quanto universalmente populares, do país. Eles não representam nada hoje, nada além de um ideal e de uma facção ultrapassada. E como, no fim das contas, são os interesses materiais que governam o mundo, as ideias só têm poder na medida em que representam um grande interesse - veja as ideias de 1793, que tinham por sua real origem os interesses ascendentes e triunfantes da burguesia, em oposição aos da nobreza, da teocracia e da monarquia; como os interesses das massas populares encontraram expressão nas ideias e tendências práticas do socialismo, e como

os republicanos agora declararam-se abertamente inimigos dessas tendências e ideias e, por consequência, amigos das tendências e ideias burguesas, e como o orleanismo é a expressão destas últimas - é evidente que os comissários e republicanos locais, assim como os de Paris, sujeitos à grave ascendência dos orleanistas, lisonjeados, exortados, dirigidos e magnetizados de todas as maneiras por eles, enquanto imaginam que estão trabalhando para a república, na realidade trabalharão apenas para a restauração da monarquia de Orleans.

Agora, voltando à questão, pergunto-me com você, se esses republicanos, unidos aos orleanistas e apoiados por eles em todo o país, como certamente serão; se Gambetta, aliado a Thiers e Trochu, conseguirá fazer, não uma revolução, mas um golpe de Estado contra os bonapartistas em Paris - se essa coalizão de republicanos e orleanistas será poderosa o suficiente para salvar a França, neste momento terrível?

Basta fazer esta pergunta, para que ela seja resolvida imediatamente em um sentido negativo. Tendo contra eles, por um lado, toda a massa trabalhadora das cidades, que deverá ser contida, e por outro, a massa dos camponeses bonapartistas, que também deverá ser contida, eles terão para si, como instrumentos de defesa e ação, um exército meio destruído, e pelo menos duas vezes inferior em número ao exército magnificamente organizado e magnificamente dirigido dos prussianos; e ainda assim eles não estarão muito seguros da devoção e obediência dos dois chefes deste exército, de Bazaine e Mac-Mahon, ambas criaturas de Napoleão III. Eles terão, além disso, uma administração cuja incapacidade e má vontade é comprovada, - uma administração que ainda hoje, sob a direção dos Chevreux, dos Duvernois e de David, faz contra eles uma propaganda apaixonada a favor do Imperador, contra eles, representando-os em toda parte como traidores que venderam aos Prussianos tanto o país quanto o Imperador, e levantando contra o patriotismo das cidades a revolta dos camponeses; uma administração que, mesmo que um golpe de Estado feliz tivesse mu-

do o governo em Paris, não poderia, como acabo de provar, ser reformada ou mesmo substituída em relação à imensa maioria de seu pessoal; que sem dúvida sofrerá o jugo odiado dos vitoriosos radicais, mas que, no entanto, permanecerá bonapartista no coração. Finalmente, eles terão para si as simpatias e, se necessário, a ajuda dos republicanos e orleanistas que estão espalhados pela França, mas que não formam nenhum tipo de organização e são bastante incapazes de ação enérgica.

Eu lhes pergunto se, com tais instrumentos, os homens mais inteligentes e enérgicos poderão salvar a França do terrível perigo que não só a ameaça, mas que em grande parte já se tornou uma verdadeira catástrofe.

É óbvio que a França oficial, o Estado, monárquico ou mesmo republicano, nada mais pode fazer, tendo-se tornado impotente todo o poder oficial. É óbvio que se a França ainda pode ser salva, só pode ser pela França natural, por toda a nação tomada fora de qualquer organização oficial, monárquica ou republicana, pela sublevação espontânea das massas populares, operários e camponeses ao mesmo tempo, que pegarão as armas que não lhes querem dar, e que se organizarão por si mesmos, de baixo para cima, para a defesa e para sua existência.

A revolta nacional tornou-se hoje uma necessidade tão óbvia para todos, que na sessão do dia 25 foram apresentadas duas propostas ao Poder Legislativo, que declarou a urgência da segunda, a primeira é a de Esquiroz: "Que o Poder Legislativo convide os municípios a se constituírem em centros de ação e defesa, fora de qualquer supervisão administrativa, e a tomarem, em nome da França violada, todas as medidas que considerem necessárias". Esta proposta teria sido perfeita, mas com uma condição: é que a revolução fosse feita de antemão em todas as municipalidades, sendo a organização atual de todas elas bonapartista. Mas esta condição está praticamente contida nas palavras: 'fora de qualquer supervisão administrativa', o que significa a completa abolição do Estado. Sem dúvida, por esta razão, a proposta de Esquiroz não foi declarada uma emergência. Aqui

está a 2ª proposta do sr. Jouvence:

“Art. 1º. Caso o inimigo empreenda o cerco de Paris, todos os cidadãos franceses não incorporados ao exército ou à guarda móvel, serão chamados a defender o território pelas armas. Art. 2 Os municípios organizar-se-ão de imediato para empregar todos os meios de luta que possam ter. Art. 3 Será permitido o uso de espingardas de caça e todos os tipos de armas de luxo ou de guerra, bem como a fabricação de munições. Art. 4 Na única condição de usar a insígnia nacional, os combatentes que se levantarem, em virtude da presente lei, serão investidos das prerrogativas militares”.

A câmara declarou urgência sobre esta proposta, sem dúvida porque um senso de decência a impediu de fazer o contrário. Mas é certo que a rejeitará, como rejeitou nesta mesma sessão a proposta de abolir as leis que proíbem a venda e o porte de armas, se um golpe de Estado de Trochu, Thiers e Gambetta não a dissolver ou aterrorizar de antemão.

Vocês veem que se tornou uma convicção de todas as mentes sérias e sinceras, que querem a salvação da França, que a França só pode ser salva por uma revolta espontânea, completamente fora da ação e da tutela da administração, do Governo, do Estado, qualquer que seja a forma deste Estado e deste Governo.

E para provar isso ainda mais a vocês, vou citar a carta notável que o General franco-americano Cluseret endereçou recentemente ao General Palikao:

Bruxelas, 28 de agosto de 1870

General - Não recebi resposta ao meu telegrama de Ostende de 20 de agosto - (telegrama no qual Cluseret ofereceu seus serviços). Estou mais angustiado do que surpreso. A desconfiança e os preconceitos militares não estão mais na época. Seu sistema militar cumpriu ponto por ponto minhas tristes previsões... (Crítica do sistema militar na França). “Você só pode remediar os defeitos de seu sistema e reparar nossos desastres introduzindo um novo elemento na luta, um elemento terrível que irá confundir as táticas prussianas, o elemento voluntário. Conheço

profundamente este elemento, já o pratiquei na França, na Itália, na América, sei o que se pode esperar e temer dele. É um erro acreditar que ele não pode realizar o que está além da força das chamadas tropas regulares. As verdadeiras tropas regulares em semelhante luta são os voluntários. Mas por voluntários, não se deve significar recrutas voluntários incorporados ao exército, pois eles serão então apenas recrutas (ou seja, soldados ruins, afinal). Incorporados à antiga organização, eles serão vítimas dela como seus antecessores. Organize (eu teria dito, deixe que se organize livre e espontaneamente) o elemento voluntário por batalhões como fizeram nossos pais; deixe-o nomear seus oficiais, e empreender, disperso, uma guerra de posição. Confie à sua audácia e à sua iniciativa a operação sobre as linhas de comunicação do inimigo, arruinando suas provisões e sublevando as províncias conquistadas. Aí reside agora o perigo para o inimigo. Quanto a seus generais e seu exército, faça deles a reserva (pontos de apoio) destes bandos entusiasmados (revolucionárias), e você verá o resultado imediato. Vi isso na América e fiquei surpreso. O instinto tinha feito mais do que o estudo e a ciência, etc... Certamente, é mais desagradável para mim oferecer-lhe meus serviços do que para você aceitá-los. Prove que seu patriotismo se iguala ao meu, aceitando-os”.<sup>10</sup>General Cluséret.”

Se o General Cluséret é realmente o homem enérgico e revolucionário que dizem ser, ele não oferecerá mais seus serviços a nenhum governo da França, pois qualquer governo centralizador, que teria a pretensão de organizar, tutelar e dirigir ele mesmo a defesa do país, iria necessariamente perdê-lo. Ele reunirá voluntários franceses na Bélgica, e estes não devem faltar. Ele vai armá-los o melhor que puder, e colocando-se à frente deles, cruzará a fronteira belga, apesar da alfândega e das tropas belgas que a cobrem neste momento, e dando o exemplo a todos, começará a pregar não apenas com palavras - o tempo das palavras já passou - mas com ações. Pois agora é apenas a iniciativa es-

10 NT: Neste trecho, em que Bakunin reproduz texto de autoria do General Cluséret, as inserções entre parênteses são de autoria do próprio Bakunin.

pontânea de revolucionários audaciosos que pode salvar o país.

---

Acredito ter provado, um pouco longamente, é verdade, mas de forma irrefutável, que a França não pode mais ser salva pelo mecanismo governamental, mesmo que este mecanismo passe para as mãos de Gambetta.

Suponho o melhor caso, o do triunfo de Gambetta com Thiers e Trochu em Paris. Desejo este triunfo agora com todo o meu coração, não porque eu espere que, ao tomar o poder do Estado, esse poder de ação do mecanismo administrativo, diante do qual os incorrigíveis Thiers ainda se maravilharam tanto na sessão de 26 de agosto, eles possam fazer algo de bom pela França, mas precisamente porque tenho a forte convicção de que a própria força das coisas, assim como seu desejo sincero de salvar a pátria, há de lhes mostrar imediatamente que não podem se servir dele; de sorte que depois de tê-lo quebrado nas mãos dos bonapartistas, eles se verão obrigados, conforme as propostas de Esquiroz, Jouvence e do General Cluseret, a aniquilá-lo completamente, devolvendo a iniciativa da ação a todas as comunas revolucionárias da França, livres de todo governo e de toda tutela e, por consequência, chamadas a formar uma nova organização, federando-se entre elas para a defesa.

30 de agosto

Até agora, raciocinei na suposição mais favorável, a do triunfo de Gambetta. Mas não há certeza alguma de que isso se torne realidade, e hoje menos do que nunca, pois ficou evidente que os bonapartistas não apenas recuperaram sua confiança e coragem, mas que já se sentem suficientemente fortes para desmascarar seu jogo e para ousar recorrer à ameaça. A opinião geral em Paris é que eles estão planejando um golpe de Estado. A correspondência parisiense do “Bund” - o órgão semioficial da Confederação Suíça -, lança sobre esses projetos tenebrosos uma viva e, penso eu, judiciosa luz. Vou lhe citar alguns trechos dela:

Paris, 25 de agosto. Os Imperialistas raciocinam assim: No caso mais infeliz, o Imperador poderá abdicar em favor de seu filho, pagar alguns bilhões aos prussianos e arrasar as fortalezas de Metz e Estrasburgo. (Estas concessões, estas condições de paz, parecem ser seriamente meditadas pelos bonapartistas, já que o *Daily Telegraph*, em artigo reproduzido pelo *Journal de Genève*<sup>11</sup>, as recomenda muito). Não tenho dúvidas de que Bismarck está pensando seriamente em tratar com Napoleão, porque só Napoleão é capaz de fazer covardes concessões à Prússia. Os Orleans não podem, sob pena de se desonrarem e se tornarem impossíveis. Quanto aos republicanos, mesmo os mais moderados e razoáveis jamais consentirão em tratar com Bismarck, enquanto houver um único soldado prussiano na França. Sua posição é tal que são obrigados a se deixar enterrar sob os escombros de Paris em vez de fazer a menor concessão a ele. É evidente que apenas o governo bonapartista, seja de Napoleão III, seja de seu filho, pode assinar um tratado de paz desonroso e desastroso para a França. E os vemos hoje tão agarrados ao poder, que não podemos mais duvidar que eles são capazes de fazê-lo e que já estão se preparando para fazê-lo. Quem sabe se as conversações secretas já não começaram entre Napoleão, Eugênia e Bismarck. Acredito que eles são mesmo capazes de entregar Paris aos prussianos, tão desesperada se tornou sua posição, e porque são patifes e covardes o suficiente para quererem se salvar a qualquer custo. A posição de Bismarck tampouco é tranquilizadora. Se Paris levar a sério sua defesa, se toda a França se erguer diante e atrás dos exércitos prussianos, estes últimos, apesar do formidável poder que estão agora desenvolvendo, poderão muito bem encontrar seu túmulo na França. Bismarck, o rei da Prússia e o General Moltke sabem bem disso; eles são homens muito sérios para não o entenderem. Sua vingança deve ser plenamente satisfeita, eles humilharam o Imperador dos franceses o suficiente, e não sacrificarão o vão prazer de aniquilá-lo completamente, com todas as imensas vantagens que obtive-

---

11 NE: Jornal de Genebra.

ram, talvez o próprio futuro do Império da Alemanha em geral e do poder prussiano em particular. Por um lado, eles têm diante de si a glória de uma conquista que ainda é muito incerta e que terão que pagar de qualquer forma por imensos sacrifícios em dinheiro e homens. Por outro lado, uma paz tão triunfante que nem sequer sonhariam com ela no início da campanha - o reembolso de todas as despesas da guerra, talvez até Lorena e Alsácia, que somente Napoleão III e a senhora Eugênia poderão ceder, e se encontrarão na posição de poder ceder, seja em nome do atual Imperador, seja em nome de seu filho menor; a constituição do Império Germânico e a hegemonia da Alemanha incontestável e solidamente estabelecida; e finalmente a submissão da França, pelo menos por uma década; pois ninguém poderá garantir-lhes melhor e mais sinceramente esta submissão do que Napoleão III ou seu filho. É certo que, se ele sobreviver e mantiver seu poder após esta guerra, após a paz desastrosa e desonrosa que ele terá assinado e que reduzirá a França ao estado de uma segunda potência, primeiro Napoleão III, e depois seu filho, serão tão desprezados e odiados pela França, que eles precisarão da proteção direta da Prússia para se manterem em seu trono, como Vitor Emanuel até agora precisou da assistência especial da França para manter sua coroa.

Portanto, é certo e indiscutível que nenhum soberano ou governo na França poderá conceder-lhes tantas vantagens e segurança como a dinastia Bonaparte. Pode haver alguma dúvida depois disso de que Bismarck já está pensando em tratar com Napoleão III e tratar apenas com ele; isto é, mantê-lo no trono francês de qualquer forma? Resta saber se Napoleão III e a senhora Eugênia são tão covardes a ponto de aceitar e assinar tais condições. Quem pode duvidar disso? Existe um limite para a infâmia deles?

E é preciso ser muito ingênuo para pensar que eles vão parar em uma ou mesmo dez traições da França, quando essas traições se tornarem necessárias para a preservação de sua coroa. Melhor ser um vassalo coroado de Bismarck, do que um imperador desprezado,

expulso e talvez enforcado. Estejam certos disso, caros amigos, a França já foi vendida a Bismarck por Napoleão III, e Bismarck está marchando para Paris apenas para colocar Napoleão III, ou seu filho, sob a proteção maternal da interessante Eugênia, de volta ao trono.

Quanto a mim, tenho certeza, e estou convencido de que este tratado secreto, talvez já concluído, ou em processo de conclusão, sabe-se lá? talvez por intermédio do Tribunal italiano, que está muito agitado - e diretamente interessado nisso - que esta garantia de estar protegido e apoiado por Bismarck, é principalmente a grande causa da tão inesperada ressurreição da confiança e da crescente e cada vez mais ameaçadora arrogância dos bonapartistas.

Após essa longa digressão, volto a falar do Bund:

O General Trochu e Thiers ainda pensam que o melhor é deixar os prussianos chegarem às muralhas de Paris, sem lhes oferecer batalha: os imperialistas, ao contrário, querem absolutamente uma batalha pela salvação da dinastia. Trochu está na pior com a Imperatriz, mas por outro lado está na melhor posição com a guarda móvel. Os mais notáveis patriotas e republicanos assinam uma mensagem para Trochu. Seguindo o exemplo do Príncipe Napoleão, que colocou sua pessoa em segurança em Florença, e sua família no Piemonte, os homens ricos de Paris começam a enviar seus tesouros ou para a Bélgica ou para a Inglaterra. Eles temem, por um lado, uma resistência desesperada por parte da população parisiense e, por outro, a resolução de Trochu que, na defesa de Paris, parece disposto a recorrer, se necessário, às barricadas de Junho e a explodir distritos inteiros de Paris. Rouher trouxe ontem de Reims, onde visitou o Imperador doente, um desesperado plano de defesa e ação contra o que eles chamam de Prussianos do Interior (os Orleanistas e republicanos). Palikao o adotou. Favre, Gambetta e Thiers atacaram fortemente o Império no Comitê Secreto (de 24 ou 25). “A hora é tão terrível”, disseram eles, “que o país não pode mais ser salvo a não ser pelo poder unido da Câmara, de Pa-

likao e Trochu”! (Eu adoro esta mistura!) Os bonapartistas estão preparados para se defenderem ao máximo. Os membros da esquerda se acreditam seriamente ameaçados. Também em outros círculos espera-se um golpe de Estado bonapartista; organiza-se, dizem, uma defesa do país exclusivamente dezembrista. Começarão prendendo Trochu e os deputados da esquerda, que denunciarão à maioria da Câmara e ao país como traidores... Palikao tem em suas mãos os endereços de todos os habitantes considerados perigosos. Centenas de republicanos e socialistas já foram presos, e jornalistas também.

Paris, 26 de agosto. “O próprio Journal des Débats presente uma conspiração bonapartista e o golpe de Estado. Ele protesta contra esse fato que todos os ultra-dezembristas (Rouher, Schneider, Baroche, Persigny) vêm todos os dias tomar parte nos Conselhos de ministros, e declara que esse Gabinete exclusivamente bonapartista não inspira nenhuma confiança ao país e paralisa todos os esforços patrióticos da Câmara. A direita rejeitou, ainda ontem, a proposta de abolir ou suspender as leis que proíbem o porte e a venda de armas. Ela prefere entregar Paris aos prussianos em vez de armar o povo. A direita quis acusar e recomendar a prisão do General Trochu, depois que ele se recusou a dar à Imperatriz a sua demissão. A Guarda Nacional soube deste projeto e deu ao General Trochu uma ruidosa demonstração de simpatia completamente republicana. Desde ontem, a Imperatriz está novamente cortejando Trochu, que se dispõe a isso, provavelmente fingindo aceitar. Eles querem impedi-lo por todos os meios de fazer a revista dos 80 mil homens da Guarda Nacional... temendo manifestações simpáticas a Trochu, mas contrárias ao Império. Um conhecido estadista aconselhou o Imperador a se colocar à frente de um regimento de cavalaria e correr para a frente das baionetas prussianas; Napoleão III respondeu, enrolando seu bigode: “Seria muito bom para a história, mas não estou tão morto quanto estes bons parisienses querem acreditar. Voltarei a Paris, não para dar satisfação, mas para pedi-la àqueles que perderam a França: a Olivier, que tanto

nos prejudicou com seu parlamentarismo, e aos deputados da esquerda, que ao cortarem o orçamento do exército, nos entregaram, ao país e a mim, à Prússia.

Rouher, após seu retorno de Reims, está agora trabalhando na direção dessas mesmas ideias com Palikao e com todos os líderes da direita. Os imperialistas estão cheios de esperança, esperam com certeza uma vitória, que será o sinal para a dissolução ou pelo menos a suspensão da Câmara, apesar do fato de que o próprio Schneider, se opõe, diz-se...

Uma correspondência do Indépendance Belge de Paris de 27 de agosto anuncia a intenção do Imperador de se refugiar atrás do Loire, em Bourges, e de concentrar ali o governo. La Liberté (de 28 de agosto) também fala do projeto de transportar o governo não para Bourges, mas para Tours”...

Este projeto parece ser uma ameaça muito séria. Parece se combinar com a formação de um novo exército por trás do Loire, um exército cujo comando será, sem dúvida, confiado a um bonapartista comprovado. Parece ainda mais ameaçador, na presença da agitação bonapartista dos camponeses, longa e sistematicamente fomentada pelos *préfets*, *souspréfets*<sup>12</sup>, conselhos gerais e distritais, prefeitos<sup>13</sup>, juizes de paz, gendarmes, guardas de campo, professores e párocos e assistentes dos párocos em todas as partes da França.

Para mim, é evidente que Napoleão agora quer contar com duas forças: Bismarck no exterior, e os camponeses, sublevados em seu favor, no interior. Desta maneira, para salvar sua coroa, depois de ter precipitado a França no abismo, ele quer arruinar, destruir sua última esperança e meios de salvação (falo aqui do ponto de vista do Estado): o levante unânime da massa do povo francês contra a invasão estrangeira. Ele quer substituí-lo, neste momento terrível e na própria presença desta invasão, por uma guerra civil entre o campo e as cidades da França. Eu não fica-

12 NE: Chefes e subchefes do executivo nas províncias, comparáveis aos governadores e vice-governadores dos estados brasileiros.

13 NE: *Maires*, no original.

ria nada surpreso se o atual ministério, um ministério bonapartista e ultramontano, inspirado por Napoleão III, por Eugênia e pelos jesuítas todos de uma só vez, se este ministério, que obviamente quer consumir a ruína da França, alimentasse o projeto de armar os camponeses contra as cidades, deixando os operários desarmados, comprimidos pelo estado de sítio, e entregues, indefesos, à barbárie reacionária dos camponeses. Este será um perigo terrível e somente a revolução social, tal como a entendemos, será capaz de desviá-la e transformá-la em um meio de salvação para a França. Voltarei a este assunto mais tarde.

-----

Tais são, portanto, os planos atuais do Imperador, da Imperatriz e de seu partido. Apoiados por este novo exército que está sendo organizado atrás do Loire, e que, sem dúvida, está sendo organizado de tal forma que será bem dedicado ao Império; apoiados ao mesmo tempo sobre as simpatias artificialmente aquecidas dos camponeses, e por outro lado, concordando secretamente com Bismarck, os bonapartistas serão bem capazes de entregar Paris a esse último, e mais tarde acusarão a população desta cidade e os deputados radicais de terem traído os prussianos.

Bismarck não será capaz de impor Napoleão III ou IV à França, a Paris. Mas Napoleão III, apoiado por aquele exército do Loire que provavelmente será bom apenas para defendê-lo contra a indignação das cidades francesas, e pelos camponeses que terão sido agitados contra o patriotismo das cidades, será capaz de tratar com Bismarck, depois que este último tiver tomado e desarmado Paris. A menos que haja uma energia sobrenatural, da qual eu não acredito mais que o povo francês seja capaz, a França, neste caso, estará perdida. É por isso que eu, um revolucionário socialista, desejo de todo coração, agora, a aliança do jacobino Gambetta com os orleanistas Thiers e Trochu, sendo esta aliança a única capaz de derrubar agora a conspiração bonapartista em Paris. É por isso que agora desejo que a ditadura coletiva de Gambetta, Thiers e Trochu assumam o go-

verno o mais rápido possível, e digo o mais rápido possível porque cada dia é precioso, e se eles perderem um único dia inutilmente, eles estão perdidos. Creio que tudo isso será resolvido em três ou quatro dias. Tendo a Guarda Nacional, a Guarda Móvel e a população de Paris consigo, eles podem inquestionavelmente tomar o poder, se estiverem unidos, se tiverem a resolução necessária, se forem homens. Estou surpreso que não o tenham feito até agora. Os bonapartistas têm a polícia e toda a guarda municipal para si, o que eu acho que é uma força bastante respeitável. É provável que proponham prender os membros da esquerda e Trochu durante a noite, como fizeram em dezembro. Em todo caso, este estado de coisas não pode continuar, e um destes dias receberemos a notícia de um golpe de Estado bonapartista, ou então de um golpe de Estado mais ou menos revolucionário.

É claro que, no primeiro caso, a salvação só pode vir de uma revolução provincial. Mas, no segundo caso também, ela só pode vir de lá.

Resumirei em poucas palavras os argumentos que utilizei para prová-lo, nessa longa carta.

Se Gambetta, que tomo aqui como a personificação do partido Jacobino, se Gambetta triunfar, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis a ele, não poderá:

nem reformar constitucionalmente o sistema da atual administração;

nem mudar completa, nem mesmo sensivelmente e com alguma eficácia o seu pessoal, a reforma constitucional do sistema só pode ser feita por algum tipo de Assembleia Constituinte e não pode mesmo ser concluída em poucas semanas. Não há necessidade de provar que a convocação de uma Assembleia Constituinte é impossível, e que não há sequer uma semana ou um dia a perder. Quanto à mudança de pessoal, para realizá-la de forma séria, seria necessário encontrar, em poucos dias, 100.000 novos funcionários públicos, com a certeza de que estes novos funcionários serão mais inteligentes, mais enérgicos, mais honestos e mais dedicados

que os atuais. Basta anunciar esta exigência, esta necessidade, para mostrar que a sua realização é impossível.

Assim, restarão apenas duas opções para Gambetta: ou resignar-se ao uso desta administração essencialmente bonapartista, que será uma arma venenosa contra si mesmo e contra a França, em suas mãos - o que equivale, nas circunstâncias atuais, à ruína total, à escravidão, à aniquilação da França.

Ou então destruir completamente esta máquina administrativa e governamental, sem sequer tentar substituí-la por outra, e assim devolver a total liberdade de iniciativa, movimento e organização a todas as províncias e comunas da França - o que equivale à dissolução do Estado - à revolução social.

Ao destruir a máquina administrativa, Gambetta priva a si mesmo, seu governo, priva Paris do único meio que tinha para governar a França. Depois de ter perdido o comando oficial, a iniciativa por decretos, Paris só conservará a iniciativa pelo exemplo, e só a conservará se por sua força moral, pela energia de suas resoluções e pela consequência revolucionária de seus atos, ela realmente se colocar à frente do movimento nacional; o que não é de modo algum provável. Isto me parece completamente impossível, pelas seguintes razões:

1- A aliança forçada de Gambetta com Thiers e Trochu.

2- Seu próprio jacobinismo, o moderacionismo republicano, assim como o de todos os seus amigos e de todo o seu partido.

3- A necessidade política, para Paris, no interesse de sua própria defesa, de não chocar ou assustar demais os preconceitos e sentimentos do exército, cuja assistência é absolutamente necessária.

4- Enfim, a impossibilidade evidente de Paris se preocupar agora com o desenvolvimento e a aplicação prática de ideias revolucionárias, todas as energias e todas as mentes tendo que se concentrar necessária e exclusivamente na questão da defesa. Paris sitiada será transformada em uma imensa cidade de guerra. Toda sua população formará um imenso exército, disciplinado por um

sentido de perigo e pelas necessidades de defesa. Mas um exército não raciocina e não faz revoluções, ele luta.

5- Paris, absorvida pelo único interesse e pelo singelo pensamento de sua própria defesa, será bastante incapaz de dirigir e organizar o movimento nacional da França. Se pudesse ter esta pretensão absurda e ridícula, mataria o movimento e, portanto, seria dever da França, das províncias, desobedecê-la, no supremo interesse da salvação nacional. A única e melhor coisa que Paris pode fazer por sua própria salvação, é proclamar e provocar a independência absoluta e a espontaneidade dos movimentos provinciais, - e se Paris esquece e negligencia fazê-lo, por qualquer razão, o patriotismo ordena que as províncias se levantem e se organizem espontaneamente, independentemente de Paris, - para a salvação da França e da própria Paris.

De tudo isso resulta, de forma evidente, que se a França pode ainda ser salva é apenas pela revolta espontânea das províncias.

-----

Esta revolta ainda é possível? Sim, se os operários das grandes cidades provinciais, como Lyon, Marselha, Saint-Étienne, Rouen e muitas outras, tiverem sangue nas veias, cérebro na cabeça, energia no coração e força nos braços - se forem homens vivos, revolucionários socialistas e não socialistas doutrinários. Somente os trabalhadores das cidades provinciais podem salvar a França, hoje.

Não se pode contar com a burguesia. Expliquei amplamente o porquê. A burguesia não vê e não entende nada fora do Estado, fora dos meios regulares do Estado. O máximo de seu ideal, de sua imaginação, de sua abnegação e de seu heroísmo é o exagero revolucionário do poder e da ação do Estado em nome da salvação pública. Mas demonstrei suficientemente que a ação do Estado, neste momento e nas circunstâncias atuais - bismarckianos no exterior, bonapartistas no interior - longe de poder salvar a França, só pode perdê-la e matá-la.

Só o que pode salvar a França, em meio aos

terríveis, aos mortais perigos, tanto externos quanto internos, que a ameaçam atualmente, é a revolta espontânea, formidável, apaixonadamente enérgica, anárquica, destrutiva e selvagem das massas populares em todo o território da França. Estejam bem convencidos que sem isso não há salvação para seu país. Se vocês não se sentem capazes disso, renunciem à França, renunciem a toda liberdade, abaixem a cabeça, dobrem os joelhos e se tornem escravos - escravos dos prussianos, escravos dos Bonaparte, vice-reis dos prussianos, vítimas dos camponeses agitados e armados contra vocês, e se preparem e se resignem, vocês que já são tão miseráveis e infelizes, a um futuro de sofrimento e miséria, como vocês não foram capazes sequer de imaginar até agora.

É certo que a burguesia não é capaz de fazer isso. Para ela, será o fim do mundo, a morte de toda a civilização - ela se conformará mais com a dominação dos prussianos e dos Bonaparte do que sofrerá a revolta da barbárie popular: esta equalização violenta, esta impiedosa e completa varredura de todos os seus privilégios econômicos e sociais. Haverá, na classe burguesa, e particularmente no partido radical, um número bastante considerável de jovens, movidos pelo desespero do patriotismo, que se unirão ao movimento socialista dos trabalhadores; mas eles nunca tomarão, nem podem tomar, a iniciativa. Sua educação, seus preconceitos, suas ideias se opõem a isso. Além disso, eles perderam o elemento, o temperamento dantonesco - eles não ousam mais ousar - este temperamento não existe mais em nenhuma categoria da classe burguesa. Ele existe no mundo operário? Essa é a questão.

Pois bem, creio que exista, sim, apesar do doutrinário e da retórica socialistas, que se desenvolveram consideravelmente nesses últimos anos entre as massas operárias, possivelmente não sem alguma influência da própria Internacional.

Penso que neste momento, na França, e provavelmente em todos os outros países, existem apenas duas classes capazes de tal movimento: os operários e os camponeses. Não se espantem que eu fale dos camponeses.

Mesmo os camponeses franceses pecam apenas por ignorância, não por falta de temperamento. Não tendo abusado ou mesmo usado da vida, não tendo sido desgastados pela ação deletéria da civilização burguesa, que mal pôde tocá-los na superfície, eles conservaram todo o temperamento energético, toda a natureza do povo. A propriedade, o amor e o gozo, não dos prazeres, mas do ganho, os tornaram consideravelmente egoístas, é verdade, mas não diminuíram seu ódio instintivo contra os distintos cavaleiros e, sobretudo, contra os proprietários burgueses, que usufruem dos frutos da terra sem produzi-los pelo trabalho de seus braços. Além disso, o camponês é fundamentalmente patriótico, nacional, porque tem o culto da terra, uma paixão pela terra, e nada será mais fácil, penso eu, do que sublevá-lo contra esses invasores estrangeiros, que querem tirar dois imensos territórios da França.

É claro que, para levantar os camponeses e levá-los à ação, será necessário ter muita cautela, no sentido em que se deve ter cuidado para não fazer uso daquelas ideias e palavras que têm um efeito poderoso sobre as massas operárias das cidades; mas que, quando explicados aos camponeses por todos os reacionários possíveis, desde os proprietários nobres ou burgueses, até o oficial do Estado e o padre, num sentido que eles detestam e que soa como uma ameaça aos seus ouvidos, não deixariam de produzir sobre eles um efeito totalmente contrário ao desejado. Não, é preciso usar com eles, antes de tudo, a linguagem mais simples, aquela que melhor corresponda a seus próprios instintos e ao seu entendimento. Nas aldeias onde o amor platônico e fictício do Imperador realmente existe no estado de preconceito e hábito passional, não se deve nem mesmo falar contra o Imperador. É necessário arruinar de fato o poder do Estado, do Imperador, sem que se diga nada contra ele, arruinando a influência, a organização oficial, e na medida do possível, destruindo as próprias pessoas dos funcionários do Imperador: prefeito, juiz de paz, pároco, gendarme, guarda campestre, a quem não será impossível massacrar<sup>14</sup>, pen-

<sup>14</sup> NE: Septembriser, no original, em uma referência aos Mas-

so eu, sublevando os próprios camponeses contra eles. É necessário dizer-lhes que se trata sobretudo de expulsar os prussianos da França; coisa que eles compreenderão perfeitamente, porque são patriotas, repito novamente; e que por isso devem se armar, se organizar em batalhões voluntários e marchar contra eles. Mas que antes de marchar, é necessário, seguindo o exemplo das cidades, que se libertaram de todos os preguiçosos exploradores e confiaram o cuidado das cidades aos filhos do povo, aos bons trabalhadores - é preciso que eles também se livrem de todos os seus distintos cavalheiros que fatigam, desonram e exploram a terra sem cultivá-la com seus próprios braços, pelo trabalho de outros. Então, eles devem ser colocados em desconfiança em relação a todos os mandachuvras da aldeia, contra os funcionários públicos e, tanto quanto possível, contra o próprio padre. Que eles tirem o que quiserem da Igreja e das terras da igreja, onde ela as tiver, que tomem todas as terras do Estado, assim como as dos proprietários ricos que não servem para nada. Então, deve-se dizer a eles que, como todos os pagamentos estão suspensos em todos os lugares, eles também devem suspender seus próprios pagamentos: pagamento de dívidas privadas, impostos e hipotecas, até que seja reestabelecida a perfeita ordem. Que, caso contrário, todo esse dinheiro, passando para as mãos dos funcionários públicos, permaneceria lá, ou passaria para as mãos dos prussianos. Depois disso, que marchem contra os prussianos, mas que se organizem, primeiro entre si, que se federem, aldeia por aldeia, e também com as cidades, para se assegurarem mutuamente e se defenderem contra os prussianos do Exterior, bem como contra os do Interior.

Esta, em minha opinião, é a única forma eficaz de agir sobre os camponeses, no sentido de defender o país contra a invasão prussiana, mas também, e ao mesmo tempo, no sentido da destruição do Estado, nas próprias comunas rurais, onde se encontram principalmente as suas raízes, e por consequência, no sentido da revolução social.

Somente com tal propaganda, somente

---

sacres de Setembro de 1792.

através de uma revolução social assim entendida, é que se pode combater o espírito reacionário dos campos, e que se poderá superá-lo e transformá-lo em um espírito revolucionário.

As supostas simpatias bonapartistas dos camponeses franceses não me preocupam em nada. É um sintoma superficial do instinto socialista, desviado pela ignorância e explorado pela malícia, uma doença de pele que não pode resistir aos remédios heroicos do socialismo revolucionário. Os camponeses não darão nem suas terras, nem seu dinheiro, nem suas vidas para a preservação do poder de Napoleão III, mas de bom grado lhe darão a vida e a propriedade de outros, porque odeiam esses outros. Eles têm no mais alto grau o ódio bastante socialista dos homens do trabalho contra os homens do ócio, contra os distintos cavalheiros. E notem, que nesse caso deplorável, onde os camponeses de uma comuna de Dordogne acabaram queimando um jovem e nobre proprietário de terras, a disputa começou com estas palavras pronunciadas por um camponês: "Ah! Ai está você, belo senhor, você permanece tranquilamente em sua casa, porque você é rico, você tem dinheiro e envia gente pobre para a guerra. Pois bem, nós vamos para casa e que venham nos buscar" ... Nestas palavras pode-se ver a expressão viva do ressentimento hereditário do camponês contra o rico proprietário, mas de forma alguma o desejo fanático de se sacrificar e ir morrer pelo Imperador; pelo contrário, o desejo bastante natural de escapar do serviço militar.

Esta não é a primeira vez que um governo explora o ódio natural dos camponeses contra os proprietários ricos e contra os burgueses ricos. Foi assim que, no final do século passado, o Cardeal Ruffo, de memória sangrenta, agitou os camponeses da Calábria contra os liberais do Reino de Nápoles, que haviam instituído uma república sob a sombra da bandeira republicana da França. No fundo, a revolta liderada por Ruffo não era nada mais que um movimento socialista. Os camponeses calabreses começaram saqueando os castelos, e chegando às cidades, saquearam as casas dos burgueses, mas

não tocaram no povo. Em 1846 os agentes do Príncipe Metternich agitaram da mesma forma os camponeses da Galícia<sup>15</sup>, contra os nobres senhores e proprietários poloneses que planejavam uma revolta patriótica... e muito antes dele, a imperatriz Catarina II da Rússia, fez massacrar milhares de nobres poloneses pelos camponeses da Ucrânia. Enfim, em 1863, o Governo russo, seguindo esse duplo exemplo, suscitou uma *jacquerie*<sup>16</sup> na Ucrânia e em parte da Lituânia contra os patriotas poloneses, pertencentes em sua maioria à classe nobiliária. Você vê que os governos, esses protetores oficiais e patenteados da ordem pública e da segurança da propriedade e das pessoas, nunca deixam de recorrer a tais medidas quando elas se tornam necessárias para sua conservação. Eles se tornam revolucionários quando necessário, exploram e desviam em benefício próprio as más paixões, as paixões socialistas. E nós, revolucionários socialistas, não saberíamos como captar essas mesmas paixões para direcioná-las para seu verdadeiro propósito, para um propósito em conformidade com os instintos profundos que as excitam. Esses instintos, repito, são profundamente socialistas, pois são os de todo homem trabalhador contra todos os exploradores do trabalho - e todo o socialismo elementar, natural e real está aí. Todo o resto, os diferentes sistemas de organização econômica e social - tudo isso é apenas um desenvolvimento experimental e mais ou menos científico e, infelizmente, também frequentemente doutrinário, desse instinto primitivo e fundamental do povo.

Se realmente queremos nos tornar práticos, se queremos fazer uma revolução, devemos começar por nos libertar de uma série de preconceitos doutrinários nascidos no seio da burguesia e transmitidos, infelizmente, em proporção muito grande, da classe burguesa para o proletariado das cidades. O operário das cidades, mais esclarecido que o camponês, muitas vezes o despreza e fala dele com um desdém burguês. Mas nada irrita tanto quanto o desdém e o desprezo - o que

faz o camponês responder ao desprezo do trabalhador da cidade com seu ódio. E isto é uma grande desgraça, porque esse desprezo e esse ódio dividem o povo em duas grandes partes, cada uma das quais paralisa e anula a outra. Entre estas duas partes não existe, na realidade, nenhum interesse contrário, existe apenas um imenso e funesto mal-entendido, que deve ser eliminado a todo custo.

O socialismo mais esclarecido, mais civilizado e, portanto, em parte e de certa forma, mais burguês das cidades, desconhece e despreza o socialismo primitivo, natural e muito mais selvagem dos campos e, desconfiando dele, quer sempre contê-lo, oprimi-lo em nome da igualdade e da liberdade, o que naturalmente provoca no socialismo do campo uma profunda incompreensão do socialismo das cidades, que confunde com o burguesismo das cidades. O camponês considera o operário como o servo ou o soldado do burguês, e o despreza e o odeia como tal. Ele o odeia a ponto de se tornar ele mesmo o servidor e o soldado cego da reação.

Tal é o antagonismo fatal, que até agora paralisou todos os esforços revolucionários da França e da Europa. Qualquer um que queira o triunfo da revolução social deve, antes de tudo, resolvê-lo. Como as duas partes estão divididas apenas por um mal-entendido, uma delas deve tomar a iniciativa da explicação e da conciliação. A iniciativa pertence, com razão, à parte mais esclarecida, portanto, aos operários das cidades. A fim de alcançar esta conciliação, os trabalhadores das cidades devem antes de tudo se dar conta da natureza das suas queixas contra os camponeses. Quais são suas principais queixas?

Existem três: a primeira é que os camponeses são ignorantes, supersticiosos e fanáticos, e que se deixam dirigir pelos padres. A segunda é que eles são devotados ao Imperador. A terceira é que eles são partidários ferrenhos da propriedade individual.

É verdade que os camponeses franceses são perfeitamente ignorantes. Mas será culpa deles? Alguém já pensou em dar-lhes escolas? Isso é uma razão para desprezá-los e maltratá-los? Mas por este motivo, os burgueses, que são sem dúvida mais instruídos

15 NE: Região atualmente repartida entre a Polônia e a Ucrânia. Não confundir com a Galiza, região da Espanha.

16 Cf. nota 4.

que os operários, teriam o direito de desprezar e maltratar estes últimos; e conhecemos muitos burgueses que o dizem e que fundam sobre essa superioridade de instrução seu direito à dominação e deduzem dela, para os operários, o dever da subordinação. O que produz a grandeza dos operários frente aos burgueses não é sua instrução, que é pequena, mas o instinto e a representação real da justiça, que são incontestavelmente grandes. Mas esse mesmo instinto de justiça falta aos camponeses? Olhe bem, sob formas sem dúvida diferentes, e vocês a encontrarão inteiramente ali entre eles. Vocês encontrarão neles, juntamente com sua ignorância, um profundo bom senso, uma fineza admirável e aquela energia de trabalho que constitui a honra e a salvação do proletariado.

Os camponeses, dizem, são supersticiosos e fanáticos, e se deixam dirigir pelos padres. Sua superstição é o produto de sua ignorância, mantida artificial e sistematicamente por todos os governos burgueses. Além disso, eles não são tão supersticiosos e fanáticos como dizem, as esposas deles é que são, mas todas as esposas dos operários estão realmente livres das superstições e das doutrinas da religião católica e romana? Quanto à influência e direção dos sacerdotes, eles estão sujeitos a elas apenas na aparência, na medida em que a paz interior exige e na medida em que elas não contradizem seus interesses. Essa superstição não os impediu, após 1789, de comprar os bens da Igreja, confiscados pelo Estado, apesar da maldição lançada pela Igreja, tanto contra os compradores quanto contra os vendedores. Daí resulta que, para matar de uma vez por todas a influência dos padres no campo, a revolução tem apenas uma coisa a fazer: é colocar os interesses dos camponeses em contradição com os da Igreja.

Sempre ouvi com tristeza, não só os revolucionários jacobinos, mas também os socialistas educados mais ou menos na escola de Blanqui, e infelizmente até mesmo alguns de nossos amigos íntimos, que foram indiretamente influenciados por esta escola, apresentarem a ideia completamente antirrevolucionária de que a futura república deveria abolir por decreto todos os cultos públicos e

também ordenar por decreto a expulsão violenta de todos os padres. Em primeiro lugar, sou inimigo absoluto da revolução por decretos, que é uma consequência e uma aplicação da ideia do Estado revolucionário - ou seja, da reação que se esconde por trás das aparências da Revolução. Ao sistema de decretos revolucionários, oponho o sistema de fatos revolucionários, o único eficaz, consistente e verdadeiro. O sistema autoritário dos fatos, ao querer impor liberdade e igualdade, os destrói. O sistema anárquico dos fatos os provoca e os desperta de forma infalível para além da intervenção de qualquer violência oficial ou autoritária. O primeiro leva necessariamente ao triunfo final da franca reação. O segundo estabelece, sobre bases naturais e inabaláveis, a revolução.

Assim, neste exemplo, se por infortúnio se quisesse ordenar por decreto a abolição dos cultos e a expulsão dos padres, podem ter certeza de que os camponeses menos religiosos tomarão partido pelo culto e pelos padres, ainda que apenas por um espírito de contradição, e porque um sentimento legítimo e natural, base da liberdade, se revolta em cada homem contra qualquer medida imposta, mesmo que tenha a liberdade como objetivo. Podemos estar certos de que se as cidades cometessem a tolice de decretar a abolição do culto e a expulsão dos padres, o campo, tomando o partido dos padres, se revoltaria contra as cidades e se tornaria um instrumento terrível nas mãos da reação. Mas deve-se deixar que os padres e seu poder permaneçam de pé, então? De forma alguma. Devemos reprimi-los da maneira mais enérgica, mas não porque são sacerdotes, ministros da religião católica e romana; mas porque são agentes da Prússia; Nos campos como nas cidades, não deve ser nenhuma autoridade oficial, nem mesmo um Comitê revolucionário de salvação pública, que os golpeie, deve ser o povo, na cidade os operários, no campo os próprios camponeses, que os reprimam, enquanto a autoridade revolucionária vai se dar o ar de protegê-los em nome de seu respeito pela liberdade das consciências. Imitemos, então, um pouco da sabedoria de nossos adversários. Todos os governos

têm a palavra liberdade em suas bocas, enquanto suas ações são reacionárias. Que as autoridades revolucionárias não usem mais frases revolucionárias, mas que, usando uma linguagem tão moderada e pacífica quanto possível, façam a revolução.

Isso é exatamente o inverso do que as autoridades revolucionárias de todos os países têm feito até agora: na maioria das vezes têm sido excessivamente enérgicas e revolucionárias em sua linguagem, e muito moderadas, para não dizer muito reacionárias, em seus atos. Pode-se até mesmo dizer que a energia da linguagem, na maior parte do tempo, lhes serviu como máscara para enganar o povo, para esconder dele a fraqueza e a inconsistência de seus atos. Há homens, muitos homens, na burguesia autoproclamada revolucionária, que, proferindo algumas palavras revolucionárias, acreditam que estão fazendo a revolução, e que, depois de tê-las proferido, e precisamente porque as proferiram, acreditam que lhes é permitido cometer atos de fraqueza, inconsistências fatais, atos de pura reação. Nós, que somos de fato revolucionários, fazemos o contrário. Falemos pouco de revolução, mas façamos muito. Deixemos agora a outros a tarefa de desenvolver teoricamente os princípios da revolução social, e nos contentemos em aplicá-los amplamente, em incorporá-los na prática.

Aqueles de meus aliados e amigos que me conhecem bem talvez fiquem espantados que eu, que fiz tanta teoria e que sempre me mostrei um guardião zeloso e feroz de princípios, deva agora dizer tais coisas. Ah! é que os tempos mudaram. Há apenas um ano, estávamos nos preparando para a revolução; alguns de nós esperávamos por ela mais cedo, outros mais tarde, e agora, digam o que disserem os cegos, estamos no meio de uma revolução. Então foi absolutamente necessário erguer a bandeira dos princípios teóricos, para expor estes princípios em toda sua pureza, a fim de formar um partido, por menor que seja em número, mas composta apenas de homens que estejam sincera e plenamente apaixonados por estes princípios, de modo que cada um, em tempo de crise, possa contar com todos os outros. Agora não

se trata mais de recrutar. Conseguimos formar, bem ou mal, um pequeno partido - pequeno em relação ao número de homens que se juntam a ele com pleno conhecimento de causa, imenso em relação a seus adeptos instintivos, em relação àquelas massas populares cujas necessidades ele representa melhor do que qualquer outro partido. Agora devemos todos embarcar juntos no oceano revolucionário, e de agora em diante devemos propagar nossos princípios não por palavras, mas por ações - pois esta é a mais popular, a mais poderosa e a mais irresistível das propagandas. Vamos nos apegar a nossos princípios quando a política, ou seja, quando nossa impotência momentânea frente a um grande poder oposto o exigir, mas sejamos sempre implacavelmente consequentes em nossas ações. Toda a salvação da revolução está aí.

A principal razão pela qual todas as autoridades revolucionárias do mundo sempre fizeram tão pouca revolução é que sempre quiseram fazê-lo por si mesmas; por sua própria autoridade e por seu próprio poder, o que nunca deixou de levar a dois resultados: primeiro, estreitar excessivamente a ação revolucionária, pois é impossível, mesmo para a autoridade revolucionária mais inteligente, enérgica e franca, abraçar muitas questões e interesses ao mesmo tempo, já que qualquer ditadura, seja ela individual ou coletiva, composta por uma ou por várias figuras oficiais, é necessariamente muito limitada, muito cega, e incapaz de penetrar nas profundezas ou de abraçar toda a amplitude da vida popular - assim como é impossível para o navio mais poderoso medir a profundidade e a amplitude do oceano; e, em segundo lugar, porque todo ato de autoridade e poder oficial, legalmente imposto, desperta necessariamente nas massas um sentimento de revolta, a reação.

O que devem, então, fazer as autoridades revolucionárias - e vamos tentar manter seu número o menor possível - o que devem fazer para estender e organizar a revolução? Elas não devem fazê-la por conta própria nem por decretos, não a devem impor às massas, mas provocá-la nas massas. Elas não devem lhes impor nenhuma organização, mas, suscitando

do sua organização autônoma de baixo para cima, trabalhar por meio da influência individual sobre os indivíduos mais inteligentes e influentes de cada localidade, para que esta organização esteja, tanto quanto possível, de acordo com nossos verdadeiros princípios. Todo o segredo do nosso triunfo está aí.

Que este trabalho encontra imensas dificuldades, quem pode duvidar disso? Mas será que pensamos que a revolução é uma brincadeira de criança e que pode ser realizada sem superar inúmeras dificuldades? Os revolucionários socialistas de nossos dias têm pouco ou nada a imitar nos procedimentos revolucionários dos Jacobinos de 1793. A rotina revolucionária os perderia. Eles devem trabalhar o que está vivo, eles devem criar tudo.

Volto aos camponeses. Eu já disse que sua suposta ligação ao Imperador não me assusta minimamente. Não é profunda, não é real. Nada mais é do que uma expressão negativa de seu ódio contra os cavalheiros e contra os burgueses das cidades. Este apego não será, portanto, capaz de resistir à revolução social. O último e principal argumento dos operários urbanos contra os camponeses é a ganância destes últimos, seu egoísmo grosseiro e seu apego apaixonado à propriedade individual da terra. Os operários que os reprovam por tudo isso devem primeiro se perguntar: e quem não é egoísta? Quem na sociedade atual não é ganancioso, no sentido de que detém com fúria a pequena propriedade que conseguiu acumular e que garante, na atual anarquia econômica e nesta sociedade que não tem piedade daqueles que passam fome, sua existência e a existência dos seus? Os camponeses não são comunistas, é verdade, eles temem, odeiam os “partilheiros” [*partageux*]<sup>17</sup>, porque têm algo a manter, pelo menos na imaginação, e a imaginação é um grande poder que, em geral, não é levado suficientemente em conta na sociedade! Os operários, cuja imensa maioria não possui nada, têm uma propensão infinitamente maior ao comunismo do que os camponeses;

17 NE: *Partageux* é um termo datado, utilizado no século XIX, para designar pejorativamente os “partidários do compartilhamento das terras, da igualdade absoluta dos bens” (cnrtl.fr/definitions/partageux). Optamos por traduzi-lo pelo neologismo “partilheiro”.

nada poderia ser mais natural: o comunismo de uns é tão natural quanto o individualismo dos outros. Não há nada que se vangloriar, nem desprezar nos outros. Ambos são, com todas as suas ideias e todas as suas paixões, produtos dos diferentes meios que os produziram. E ainda, os próprios operários são todos comunistas?

Não se trata, portanto, de se ressentir dos camponeses, nem de difamá-los; trata-se de estabelecer uma linha de conduta revolucionária que contorne a dificuldade e que não apenas impeça o individualismo dos camponeses de empurrá-los para o partido da reação, mas que, ao contrário, se utilize dele para fazer triunfar a revolução.

Lembrem-se, caros amigos, e repitam para si mesmos, centenas, milhares de vezes durante o dia, que do estabelecimento desta linha de conduta depende absolutamente o resultado: o triunfo ou a derrota da revolução.

Vocês concordarão comigo que não é mais momento de converter os camponeses pela propaganda teórica. Restaria, portanto, além dos meios que proponho, apenas um meio: o do terrorismo das cidades exercido contra o campo. Este é o meio por excelência, adotado por todos os nossos amigos, os operários das grandes cidades da França, que não percebem, nem mesmo suspeitam, que tomaram emprestado este instrumento de revolução, eu ia dizer de reação, do arsenal do jacobinismo revolucionário, e que se tiverem a infelicidade de usá-lo, matarão a si mesmos, e mais, matarão a própria revolução. Qual será a consequência inevitável e fatal? Que todas as populações do campo, 10 milhões de camponeses, se atirarão para o outro lado e reforçarão com suas formidáveis e invencíveis massas o campo da reação.

A este respeito, como em muitos outros, considero a invasão dos prussianos uma verdadeira felicidade para a França e para a revolução social universal. Se esta invasão não tivesse ocorrido, e se a revolução na França tivesse ocorrido sem ela, os próprios socialistas franceses teriam tentado mais uma vez, e desta vez por conta própria, fazer uma revolução de Estado. Seria perfeitamente ilógico, seria fatal para o socialismo, mas certa-

mente teriam tentado fazê-lo, tão penetrados e imbuídos estão eles com os princípios do jacobinismo. Por consequência, entre outras medidas de salvação pública decretadas por uma convenção dos delegados das cidades, eles teriam sem dúvida tentado impor o comunismo ou o coletivismo aos camponeses. Eles teriam sublevado e armado toda a massa dos camponeses contra eles e, para reprimir sua revolta, teriam sido obrigados a recorrer a uma força armada imensa, bem organizada e bem disciplinada. Eles dariam um exército à reação, e eles produziriam e treinariam reacionários militares, generais ambiciosos em seu próprio seio. Com a máquina estatal fortalecida, eles logo teriam o maquinista do Estado - o ditador, o Imperador. Tudo isso lhes teria acontecido infalivelmente, porque está na lógica, não na imaginação caprichosa de um indivíduo, mas na lógica das coisas, e essa lógica não se engana jamais.

Felizmente, hoje, os próprios acontecimentos forçarão os operários a abrir os olhos e renunciar a este sistema fatal, que eles tomaram emprestado aos jacobinos. Eles teriam que estar loucos para querer realizar, nas atuais circunstâncias, o terrorismo contra o campo. Se o campo se levantasse agora contra as cidades, as cidades e a França com elas estariam perdidas. Os operários sentem isto, e isto é em parte o que me explica a apatia, a inércia, a incrível, vergonhosa inação e tranquilidade das populações operárias em Lyon, em Marselha e em outras grandes cidades da França, em um momento supremo, tão terrível, quando a energia de todos os habitantes da França pode sozinha salvar a pátria e, com a pátria, o socialismo francês. Explico esta singular inércia através do seguinte: os operários da França perderam seu pobre latim. Até este momento eles haviam sofrido bastante com seus próprios sofrimentos, mas todo o resto: seus ideais, suas esperanças, suas ideias, suas imaginações políticas e sociais, seus planos e projetos práticos, mais sonhados do que meditados para um futuro próximo, eles tiraram muito mais dos livros, das teorias atuais e constantemente discutidas do que da reflexão espontânea baseada na experiência e na vida. Sua existência e sua

experiência diária, eles têm desconsiderado continuamente, e não se habituaram a tirar delas sua inspiração, seu pensamento. Seu pensamento foi alimentado por uma certa teoria aceita pela tradição, sem qualquer crítica, mas com total confiança, e esta teoria não é outra senão o sistema político dos jacobinos mais ou menos modificado para o uso dos socialistas. Agora esta teoria da revolução foi à falência, sua base principal, o Estado, o poder do Estado, tendo entrado em colapso. Nas circunstâncias atuais, a aplicação do método terrorista, tão amado pelos jacobinos, tornou-se evidentemente impossível. E os operários da França, que não conhecem nenhum outro, estão perplexos. Eles dizem a si mesmos, com muita razão, que é impossível realizar terrorismo oficial, regular e legal, nem usar meios coercitivos contra os camponeses, que é impossível instituir o Estado revolucionário, um Comitê Central de Salvação Pública para toda a França, num momento em que a invasão estrangeira não está apenas na fronteira como em 1792, mas no coração da França, a dois passos de Paris. Eles veem toda a organização oficial desmoronar, desesperam-se, com boas razões, sobre poder criar outra, e não compreendem a salvação, esses revolucionários, fora da ordem pública, não compreendem, esses homens do povo, o poder e a vida que há no que a aristocracia oficial de todas as cores, da flor de lis ao vermelho escuro, chama de anarquia, eles cruzam os braços e dizem: estamos perdidos, a França está perdida.

Não! Meus caros amigos, ela não está perdida, se vocês próprios não quiserem se perder, se vocês forem homens. Se vocês tiverem temperamento, verdadeira paixão em seus corações - se vocês quiserem salvá-la. Vocês não podem mais salvá-la pela ordem pública, pelo poder do Estado. Tudo isso, graças aos prussianos, digo eu como um bom socialista, agora não é nada mais que ruínas. Não se pode nem mesmo salvá-lo pelo exagero revolucionário do poder público, como fizeram os jacobinos em 1793. Então, salvem-na pela anarquia. Libertem esta anarquia popular tanto no campo quanto nas cidades, aumentem-na ao ponto de rolar como uma

avalanche furiosa, devorando e destruindo tudo: inimigos e prussianos. É um meio heroico e bárbaro, eu sei. Mas é o último e, agora, o único possível. Fora dele, não há salvação para a França. Com todas as suas forças regulares dissolvidas, resta apenas a energia desesperada e selvagem de seus filhos – que devem escolher entre a escravização pela civilização burguesa ou a liberdade pela barbárie do proletariado.

Esta não é uma posição maravilhosa para os socialistas sinceros e eles jamais sonharam com tal oportunidade?! Ah! meus amigos! Tentem se manter atualizados com os fatos que estão acontecendo ao seu redor: É o Estado que está em colapso, é o mundo burguês que se vai. Vocês permanecerão de pé, enérgicos e cheios de confiança, criadores de um mundo novo, em meio a essas ruínas, ou vão se deixar serem enterrados por elas? Bismarck vai se tornar seu senhor? Vocês se tornarão escravos dos prussianos escravos do seu rei? Ou vocês lançarão o incêndio socialista revolucionário sobre a Alemanha, a Europa e o mundo inteiro? Isto é o que se decide neste momento supremo, isto é o que depende exclusivamente, a esta hora, dos operários da França. Eles têm um coração dentro de si, ou não?

Volto aos meus queridos camponeses. Nunca acreditei que, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, os operários pudessem ter o poder de impor a comunidade ou a coletividade a eles; nem nunca o desejei, porque abomino qualquer sistema imposto, porque amo sincera e apaixonadamente a liberdade. Esta falsa ideia e esta esperança liberticida constituem a aberração fundamental do comunismo autoritário, que, por necessitar de violência regularmente organizada, necessita do Estado, e porque necessita do Estado, conduz necessariamente à reconstituição do princípio de autoridade e de uma classe privilegiada pelo Estado. A coletividade só pode ser imposta aos escravos, e então a coletividade se torna a própria negação da humanidade. Em um povo livre, a coletividade só pode se produzir pela própria força das coisas, não por imposição de cima, mas pelo movimento espontâneo de baixo, de forma

livre e necessária ao mesmo tempo, quando as condições do individualismo privilegiado – a política do Estado, os códigos penal e civil, a família jurídica e o direito de herança, varridos pela revolução, tiverem desaparecido.

Seria preciso ser louco, como eu disse, para tentar impor qualquer coisa aos camponeses nas circunstâncias atuais. Seria torná-los inimigos da revolução, com certeza; seria arruinar a revolução. Quais são as principais queixas dos camponeses, as principais causas de seu ódio dissimulado e profundo contra as cidades?

1º) Os camponeses se sentem desprezados pelas cidades, e o desprezo de que se é objeto é rapidamente adivinhado, mesmo pelas crianças, e nunca é perdoado.

2º) Os camponeses imaginam, não sem muitas razões, nem sem muitas evidências e experiências históricas para sustentar esta imaginação, que as cidades querem dominá-los, governá-los, muitas vezes explorá-los e sempre impor-lhes uma ordem política que não lhes interessa.

3º) Os camponeses, além disso, consideram os operários das cidades como “partilheiros” e temem que os socialistas venham e confiscem suas terras, que eles amam acima de tudo.

O que devem fazer, então, os operários para superar essa desconfiança e animosidade dos camponeses contra eles? Antes de mais nada, parar de mostrar-lhes desprezo, parar de desprezá-los. Isto é necessário para a salvação da revolução e deles próprios, pois o ódio dos camponeses constitui um perigo imenso. Se não fosse por esta desconfiança e ódio, a revolução teria sido feita há muito tempo, pois a animosidade que infelizmente existe no campo contra as cidades constitui em todos os países a principal base e força da reação. Assim, no interesse da revolução que os deve emancipar, os operários devem cessar o mais rápido possível de mostrar este desprezo pelos camponeses. Eles também devem fazê-lo por justiça, pois realmente não têm razões para desprezá-los, nem para odiá-los. Os camponeses não são preguiçosos, e trabalham duro como eles mesmos.

Apenas trabalham em condições diferentes. Isso é tudo. Na presença do burguês explorador, o operário deve se sentir o irmão do camponês.

O Sr. Leon Gambetta, na carta notavelmente ridícula que acaba de dirigir ao *Progrès* de Lyon, afirma que a guerra atual pode ajudar na reconciliação da burguesia com o proletariado, unindo estas duas classes em um esforço patriótico comum. Eu não acredito nisso e, acima de tudo, não o desejo. Mas o que eu desejo e espero do fundo do meu coração é que esta guerra, o imenso perigo que ameaça esmagar e engolir a França, tenha o efeito imediato de realmente unir o povo das cidades com o povo do campo, os operários com os camponeses, em uma ação comum. Esta será verdadeiramente a salvação da França. E não tenho dúvidas da possibilidade da pronta realização dessa união, porque sei que o camponês é profunda e instintivamente patriota. Uma vez que gritarmos alto, mais alto do que a atual administração e os jornais burgueses conseguem gritar, “a França está em perigo, os prussianos estão pilhando e matando o povo, vamos exterminar os prussianos e todos os amigos dos prussianos”, os camponeses franceses vão se levantar e marchar fraternalmente ao lado dos operários das cidades da França.

Eles marcharão com os operários das cidades assim que estiverem convencidos de que estes não pretendem impor-lhes sua vontade, nem qualquer ordem política e social inventada pelas cidades para a maior felicidade do campo, assim que tiverem a certeza de que os trabalhadores não têm a intenção de tirar suas terras.

Ora, é da maior necessidade, hoje, que os trabalhadores realmente renunciem a esta pretensão e a esta intenção, e que renunciem de tal forma que os camponeses o saibam e permaneçam completamente convencidos disso. Os operários devem renunciar a elas, pois mesmo quando esta reivindicação e esta intenção pareciam viáveis, eram soberanamente injustas e reacionárias, e agora que sua realização se tornou impossível, ela constituiria nada mais e nada menos do que uma loucura criminosa.

Que direito têm os operários de impor aos camponeses qualquer forma de governo ou de organização econômica? O direito da revolução, dizem. Mas a revolução não é mais a revolução quando age como um déspota e quando, em vez de provocar a liberdade nas massas, ela provoca a reação em seu seio. O meio e a condição, se não o objetivo principal da revolução, é a aniquilação do princípio da autoridade em todas as suas manifestações possíveis, é a abolição, a destruição completa e, se necessário, violenta do Estado político e jurídico, porque o Estado, o irmão mais novo da Igreja, como muito bem demonstrou Proudhon, é a consagração histórica de todos os despotismos, de todos os privilégios, a razão política de todas as escravidões econômicas e sociais, a própria essência e o centro de toda reação. Quando, em nome da revolução, se quer fazer o Estado, mesmo que seja apenas um Estado provisório, faz-se a reação e se trabalha para o despotismo, não para a liberdade; pela instituição do privilégio contra a igualdade.

É tão claro quanto o dia. Mas os operários socialistas da França, educados nas tradições políticas dos jacobinos, nunca quiseram entendê-lo. Agora eles serão forçados a compreendê-lo, felizmente, pela revolução e por eles mesmos. Onde eles conseguiram essa ridícula e arrogante, injusta e desastrosa pretensão de impor seu ideal político e social a dez milhões de camponeses que não o querem? Obviamente, ainda é uma herança burguesa, um legado político do revolucionarismo burguês. Qual é a base, a explicação, a teoria desta pretensão? É a superioridade, pretensa ou real, da inteligência, da instrução, em uma palavra, da civilização operária sobre a civilização dos campos. Mas vocês sabem que com tal princípio se pode legitimar todas as conquistas, consagrar todas as opressões? Os burgueses nunca tiveram outro para provar sua missão e seu direito de *governar* ou, o que significa a mesma coisa, de explorar o mundo operário. De nação para nação, assim como de uma classe para outra, este princípio fatal, que não é outro senão o da autoridade, explica e postula como um direito todas as invasões e conquistas. Os alemães

não o usaram sempre para desculpar todos os seus ataques à liberdade e à independência dos povos eslavos e para legitimar sua violência e forçada germanização? É a conquista da civilização sobre a barbárie, dizem eles. Tomem cuidado; os alemães já estão começando a perceber que a civilização germânica e protestante é muito superior à civilização católica dos povos da raça latina em geral, e à civilização francesa em particular. Cuidado para que eles não imaginem logo que têm a missão de civilizar vocês e fazê-los felizes, assim como vocês imaginam que têm a missão de civilizar e emancipar forçadamente seus compatriotas, seus irmãos, os camponeses da França. Para mim, uma e outra pretensão são igualmente odiosas, e eu lhes declaro que tanto nas relações internacionais como nas relações de uma classe com outra, estarei sempre do lado daqueles a quem desejam civilizar por este processo. Eu me revoltarei com eles contra todos esses civilizadores arrogantes, quer se chamem operários ou alemães, e, revoltando-me contra eles, servirei à revolução contra a reação.

Mas se assim for, será que devemos abandonar os camponeses ignorantes e supersticiosos a todas as influências e intrigas da reação? De forma alguma. A reação deve ser morta no campo, como deve ser morta nas cidades. Mas para atingir este objetivo, não basta dizer: “queremos matar a reação”; devemos matá-la, devemos extirpá-la, e nada pode ser extirpado por decretos - pelo contrário, e estou determinado a provar isto com a história na mão: os decretos e, em geral, todos os atos de autoridade não extirpam nada; pelo contrário, eles eternizam o que querem matar.

Qual é a consequência? Não podendo impor a revolução nos campos, é necessário produzi-la ali, provocando o movimento revolucionário dos próprios camponeses, incentivando-os a destruir com suas próprias mãos a ordem pública, todas as instituições políticas e civis, e a constituir e organizar a anarquia no campo.

Só há uma maneira de fazer isso: é falar com eles e estimulá-los na direção de seus próprios instintos. Eles amam a terra; dei-

xem que eles tomem toda a terra e expulsem todos os proprietários que a exploram pelo trabalho de outros. Eles não têm gosto pelo pagamento de hipotecas e impostos. Que eles não os paguem mais. Que aqueles que não se preocupam em pagar suas dívidas privadas, não sejam mais forçados a pagá-las. Finalmente, eles odeiam o recrutamento; que não sejam mais obrigados a fornecer soldados.

E os prussianos, quem irá combatê-los? Nada tema, uma vez que os camponeses tenham sentido as vantagens da revolução, por assim dizer, eles darão mais dinheiro e mais homens para defendê-la do que poderia proporcionar a ação regular, até mesmo exagerada, do Estado. Os camponeses farão contra os prussianos hoje o que fizeram em 1792 contra eles. Eles só precisam ter o diabo no corpo, e é apenas a revolução anárquica que pode colocá-lo neles.

Mas se lhes for permitido dividir entre eles a terra que arrancaram dos proprietários burgueses, não será a propriedade individual estabelecida sobre uma base mais sólida e nova? De forma alguma, pois lhe faltará a consagração jurídica e política do Estado. O Estado e toda a constituição jurídica, a defesa da propriedade pelo Estado, o direito de família e o direito de herança, desaparecerão necessariamente no imenso turbilhão da anarquia popular. Não haverá mais direitos políticos ou jurídicos, apenas fatos revolucionários.

Mas será uma guerra civil?!, vocês dirão. A propriedade individual não sendo mais garantida por nenhuma autoridade superior, e sendo defendida apenas pela energia do próprio proprietário, cada um vai querer arrogar para si a propriedade dos outros, o mais forte vai saquear o mais fraco. Mas quem impedirá os mais fracos de se associarem uns aos outros para saquear os mais fortes, por sua vez?

Sim, será uma guerra civil. Mas por que vocês estigmatizam, por que temem tanto a guerra civil? Eu lhes pergunto, com a história em mãos, é da guerra civil, ou da ordem pública imposta por alguma autoridade tutelar, que surgiram grandes pensamentos, grandes personagens e grandes nações? Por ter tido a sorte de evitar a guerra civil durante vin-

te anos, vocês não decaíram tanto, sua grande nação, que os prussianos fazem de vocês um aperitivo? Para voltar aos campos, vocês prefeririam ver seus dez milhões de camponeses, unidos como um só homem, numa massa unânime e compacta contra vocês, pelo ódio que seus decretos e sua violência revolucionária inspirarão neles; ou divididos entre eles por esta revolução anárquica, que permitirá que vocês formem um partido poderoso entre eles? Mas vocês não veem que os camponeses são tão atrasados, justamente porque a guerra civil ainda não dividiu o campo? As massas compactas são rebanhos humanos, impróprios para o desenvolvimento e a propaganda das ideias. A guerra civil, ao contrário, ao dividir essa massa em diferentes partes, cria ideias, criando diferentes interesses e aspirações. A alma, os instintos humanos não estão faltando em seus campos, o que lhes falta é o espírito. Pois bem, a guerra civil lhes dará esse espírito.

A guerra civil abrirá o campo para sua propaganda socialista e revolucionária. Vocês terão, repito, o que ainda não têm, um partido no campo, e vocês serão capazes de organizar ali o verdadeiro socialismo, a coletividade inspirada, animada pela mais completa liberdade. Vocês a organizarão de baixo para cima, pela ação espontânea, mas ao mesmo tempo necessária pela força das circunstâncias, dos próprios camponeses. Vocês farão, então, o verdadeiro socialismo revolucionário.

Não temam que a guerra civil, a anarquia, provoque a destruição dos campos. Existe em toda sociedade humana um grande instinto conservador, uma força de inércia coletiva que a protege contra todo perigo de aniquilação, e que torna a ação revolucionária, o progresso, tão lento e tão difícil. A sociedade europeia de hoje, nas cidades como nos campos, mas nos campos ainda mais que nas cidades, está completamente adormecida, perdeu toda energia, todo vigor, toda espontaneidade de pensamento e de ação, sob a égide do Estado. Mais algumas décadas passadas neste estado, e este sono teria talvez se tornado a morte. Mas agora, graças aos prussianos, o Estado francês está indo para o diabo, ele está em colapso. Nenhuma

força pode salvá-lo mais, muito menos pode salvar vocês; se vocês não se salvarem por sua energia natural, vocês estarão perdidos. Repito, é uma posição magnífica; mas para aproveitá-la, é preciso ter o poder de abraçar o todo, e a coragem de enfrentar todas as suas consequências. Sua consequência principal é a de mergulhá-los na anarquia. Pois bem! Vocês devem dizer a si mesmos que a anarquia [é a sua força]<sup>18</sup>, e vocês devem fazer dela a sua força, sua arma, vocês devem organizá-la em um poder.

Não temam que os camponeses, deixando de ser restringidos pela autoridade pública e pelo respeito ao direito penal e civil, se entredovorem. Eles podem tentar fazer isso no início, mas logo vão se convencer da impossibilidade material de persistir neste curso, e então tentarão chegar a um acordo, comprometer-se e organizar-se entre si. A necessidade de comer e alimentar as próprias crianças, e, conseqüentemente, a necessidade de arar a terra e de continuar todo o trabalho do campo; a necessidade de proteger suas casas, suas famílias e suas próprias vidas contra ataques imprevistos, vão forçá-los, sem dúvida, e em breve, a entrar no caminho dos arranjos mútuos. E também não acreditam que, nesses arranjos, a mera força das coisas, os mais fortes, os mais ricos exercem uma influência predominante fora de toda tutela oficial. A riqueza dos ricos não será mais garantida pelas leis, portanto, deixará de ser um poder. Os camponeses ricos só são poderosos hoje porque são particularmente protegidos e cortejados por funcionários do Estado, e porque dependem do Estado. Uma vez desaparecido o Estado, este apoio e seu poder também desaparecerão. Quanto aos mais espertos, os mais fortes, estes serão anulados pelo poder coletivo da massa, do grande número de pequenos e muito pequenos camponeses, assim como dos proletários do campo - uma massa hoje escravizada, aniquilada, reduzida ao sofrimento mudo, mas que a anarquia revolucionária ressuscitará e armará com um poder irresistível.

Enfim, não estou dizendo que os campos,

<sup>18</sup> NE: No texto original falta um verbo para que a frase tenha sentido.

que se reorganizarem desta forma, de baixo para cima, livremente, criarão desde o primeiro golpe uma organização ideal, conforme em todos os aspectos àquela que imaginamos, com a qual sonhamos... O que estou convencido é que será uma organização viva, mil vezes superior e mais justa do que a que existe atualmente, e que, além disso, aberta à propaganda ativa das cidades, por um lado, e por outro, nunca podendo ser fixada, nem, por assim dizer, petrificada pela proteção do Estado ou da lei - já que não haverá mais lei ou Estado - poderá progredir livremente, desenvolver-se e aperfeiçoar-se de forma indefinida, mas sempre viva e livre, nunca decretada, nem legalizada, até que finalmente chegue a um ponto tão razoável quanto se possa desejar e esperar em nossos dias.

Como a vida e a ação espontânea, suspensas durante séculos pela ação, pela absorção todo-poderosa do Estado, serão devolvidas para os municípios/as comunas<sup>19</sup> pela abolição do Estado, é natural que cada comuna tome como ponto de partida de seu novo desenvolvimento, não o estado intelectual e moral no qual a ficção oficial a supõe, mas o estado real da civilização, e como o grau de civilização real é muito diferente entre os municípios/as comunas da França, bem como entre aqueles da Europa, haverá necessariamente uma grande diferença de desenvolvimentos, o que resultará, talvez, de início, em uma guerra civil entre as comunas, e depois inevitavelmente no entendimento e acordo mútuos, na harmonia e no equilíbrio estabelecido entre elas. Haverá uma nova vida e um novo mundo.

Mas esta guerra civil, mesmo que seja vantajosa de todos os pontos de vista possíveis, esta luta interna entre os habitantes de cada comuna, aumentada pela luta das comunas entre si, não paralisará a defesa da França, não a entregará aos prussianos?

De forma alguma. A história nos prova que as nações nunca se sentiram tão poderosas no exterior como quando se sentiram

---

19 NE: *Commune*, no sentido mais corriqueiro, significa apenas município. Entretanto, pode também remeter à comuna revolucionária, como em *Commune* de Paris. No caso do presente texto de Bakunin, pode-se pensar em uma transição entre os dois sentidos.

profundamente agitadas e perturbadas no interior, e que, ao contrário, nunca foram tão fracas como quando pareciam unidos sob uma autoridade ou em alguma ordem harmoniosa. No fundo, nada é mais natural, a luta é vida e a vida é força. Para convencê-los disso, basta comparar dois períodos, ou mesmo quatro períodos de sua história: primeiro, a França que emergiu da Fronda, e se desenvolveu, endurecida pelas lutas da Fronda, sob a juventude de Luís XIV, com a França de sua velhice, com a monarquia fortemente estabelecida, unificada, pacificada pelo grande rei. A primeira, resplandecente de vitórias, a segunda, marchando de derrota em derrota rumo à ruína. Comparem também a França de 1792 com a França de hoje. Em 1792 e 1793, a França foi propriamente dilacerada pela guerra civil; o movimento, a luta, uma luta de vida e morte se encontrava, se reproduzia em todos os pontos da república. E mesmo assim a França repeliu vitoriosamente a invasão de quase todas as potências da Europa. Em 1870, a França, unida e pacificada pelo Império, foi vencida pelos exércitos da Alemanha e se mostrou tão desmoralizada que devemos tremer por sua existência. Para reverter estas duas provas históricas, vocês poderiam sem dúvida citar-me o exemplo da Prússia e da Alemanha atuais, nenhuma das quais é dilacerada por qualquer guerra civil, que pelo contrário se mostram singularmente resignadas e submissas ao despotismo de seu soberano, e que, no entanto, estão desenvolvendo hoje um poder formidável. Mas este fato excepcional pode ser explicado por duas razões particulares, nenhuma das quais pode ser aplicada à França atual: a primeira é a paixão unitária que há cinquenta e cinco anos vem crescendo às custas de todas as outras paixões e ideias nesta infeliz nação germânica; a segunda é a hábil perfeição de seu mecanismo administrativo. Quanto à paixão unitária, quanto a esta ambição desumana e liberticida de se tornar uma grande nação, a primeira nação do mundo, a França também a experimentou em seu tempo. Esta paixão, como aquelas febres furiosas que momentaneamente dão ao paciente uma força extraordinária e sobre-humana, para esgotá-lo totalmente e logo depois colocá-lo em uma

prostração completa - esta paixão, depois de ter crescido na França por um espaço de tempo bem curto, a levou a uma catástrofe da qual ela se recuperou tão pouco ainda hoje, 55 anos após a batalha de Waterloo, que estas desgraças atuais não são nada, em minha opinião, além de uma recaída, uma repetição desta catástrofe, e como um segundo golpe de apoplexia que certamente matará o organismo político do Estado. Bem, a Alemanha está sendo atingida, hoje, precisamente por essa mesma febre, por essa mesma paixão pela grandeza nacional que a França havia vivido e experimentado em todas as suas fases, 70 a 60 anos atrás, e que por causa desse mesmo fato se tornou agora incapaz de agitá-la e eletrizá-la. Os alemães, que hoje acreditam ser o primeiro povo do mundo, estão atrasados em pelo menos sessenta anos em comparação com a França - tão atrasados que o *Staatszeitung*, o diário oficial da Prússia, se permite mostrar-lhes num futuro próximo, como recompensa por sua devoção heroica, “o estabelecimento de um grande Império Germânico, fundado no temor a Deus e na verdadeira moralidade”. Traduzam isto em boa linguagem católica e vocês terão o império sonhado por Luís XIV.

Suas conquistas, das quais eles agora se orgulham tanto, os atrasariam dois séculos! Portanto, toda a inteligência honesta e verdadeiramente liberal na Alemanha - sem mencionar os socialistas-democratas - está começando a se preocupar seriamente com as consequências fatais de suas próprias vitórias! Mais algumas semanas de sacrifícios como os que tiveram que fazer até agora, metade por força, metade por exaltação, e sua febre começará a cair, e quando começar a decair, sua decadência será rápida. Os alemães falarão de suas perdas em dinheiro e homens, compararão com as vantagens obtidas, e então o Rei Frederico Guilherme e Bismarck, seu inspirador, seu ministro, só terão que se comportar. Eis a razão pela qual é absolutamente indispensável para eles que voltem vitoriosos e com as mãos cheias.

A outra razão para o poder inédito agora desenvolvido pelos alemães é a excelência de sua máquina administrativa - excelência, não

do ponto de vista da liberdade e bem-estar do povo, mas do ponto de vista da riqueza e poder exclusivos do Estado. A máquina administrativa, por excelente que seja, nunca é a vida do povo; pelo contrário, é a sua negação absoluta e direta. Portanto, a força que produz nunca é uma força natural, orgânica e popular. Pelo contrário, é uma força totalmente mecânica e artificial. Uma vez rompida, ele não se renova por conta própria e sua reconstrução se torna extremamente difícil. É por isso que devemos ter cuidado para não forçar suas molas - pois se as forçarmos demais, nós as quebraremos. Bem, é certo que Bismarck e seu rei já forçaram demais a máquina. A Alemanha colocou 1.500.000 soldados em campo, e Deus sabe quantas centenas de milhões eles gastaram. Que Paris resista, que toda a França se levante atrás dela e que a máquina do Império germânico se desintegre.

A França não tem mais que temer esta infelicidade - esta felicidade. Graças aos prussianos, foi plenamente realizada. A máquina do Estado francês está quebrada, e Gambetta, Thiers e Trochu, todos juntos, mesmo que chamando o ogro bonapartista Palikao em seu socorro, não irão reconstruí-la. A França não pode mais ser eletrizada pela ideia de grandeza, nem mesmo pela de honra nacional. Tudo isso ficou para trás. Ela não pode mais se defender contra a invasão estrangeira pelo poder de sua maquinaria administrativa. O Governo de Napoleão III a distorceu, perturbou, deslocou, e os prussianos a reduziram a nada. O que resta para salvá-lo? A revolução social, a anarquia, hoje interior e nacional, amanhã universal.

-----  
2 de setembro,

Enquanto escrevo, os eventos estão se desdobrando e cada notícia que ouço me prova que tenho razão. Mac-Mahon acaba de ser novamente derrotado entre Montmedy e Sedan, no dia 30 de agosto. No momento em que escrevo, ele provavelmente está destruído, feliz se conseguiu se retirar, por uma rota muito excêntrica, para Paris e se não foi rejeitado na Bélgica. Mais 5, 6 dias e Paris será sitiada por um exército formidável de 300 a 400 mil

homens. Espero, esperemos todos, que Paris se defenda até o fim e dê à França tempo para se erguer e se organizar em massa.

Isto é o que li hoje no *Bund*:

Correspondência de Paris, 29 de agosto:

“Reina hoje em Paris uma calma séria. Não há nem abatimento, nem confusão; nem hesitação. Todos são igualmente resolutos: Em nenhum lugar se ouve mais falar em política. Só se pensa em defesa, a própria bolsa de valores está calma e forte: Paris agora parece um acampamento ou um caravançarai. Mulheres e crianças são enviadas de volta às províncias. Cada casa faz provisões de batatas, farinha, arroz, presunto e extrato de carne. Todos os jornais e todas as conversas são unânimes no ponto de que a luta continuará mesmo após a captura de Paris e que a paz só será concluída na margem direita do Reno. Palikao não brinca. Ele acaba de proclamar por decreto que todos os homens capazes de 25 a 35 anos de idade não se apresentarão, serão entregues aos Conselhos de Guerra. A guarda nacional também será submetida à lei militar, assim como os proprietários que demonstrem qualquer medo por suas casas. Os trabalhadores, em caso de necessidade, estão prontos para renovar as barricadas de Junho”.

E aqui está outra correspondência de Paris na Gazeta de Frankfurt:

-----

“Desde o último zelador até o primeiro lobo na bolsa de valores, todos são unânimes no ponto de que o Império agora se tornou impossível, e que só se pode esperar uma salvação da república. Mas o despotismo que durou vinte anos destruiu de tal forma no povo francês toda iniciativa e todo hábito de ação coletiva, que a partir do momento em que a máquina governamental deixou de funcionar, todos se olham estupefatos como crianças que perderam seus pais. Apesar desta convicção unânime de que não há mais nada a esperar do governo imperial, Paris não foi capaz de decidir sobre um passo decisivo. Até agora, tem estado paralisada pelo medo de que problemas internos possam impedir e enfraquecer a defesa externa. A maioria da

Câmara sente que perdeu toda a autoridade moral e que é responsável por grande parte das faltas que causaram a desgraça pública. A minoria é composta por advogados. É excelente na oposição parlamentar, mas absolutamente incapaz de uma iniciativa revolucionária. Quanto à massa operária, ela se mantém à parte e se amua... Um democrata, pertencente a uma das primeiras famílias de uma cidade fortificada (Estrasburgo, sem dúvida?) veio recentemente a Paris com uma carta de um oficial superior, implorando à esquerda que proclame a República o mais rápido possível. ‘O exército’, escreveu ele, ‘está todo desorganizado e desmoralizado, e não resta esperança a não ser no estabelecimento imediato da República’. A esquerda respondeu ao enviado deste oficial superior ‘que era necessário ter cuidado para não cometer uma imprudência agora, que o Império estava caindo por conta própria’<sup>20</sup>. Sim, respondeu o enviado, o Império cairá breve o suficiente para colocar vocês em seu lugar, mas tarde demais para salvar o país.”

O mesmo correspondente acrescenta outro efeito, que, pelo menos espero, pela honra dos trabalhadores, é falso. Ele relata que o enviado do oficial superior, após receber esta resposta dilatária da esquerda, dirigiu-se aos líderes da Internacional, para provocá-los a uma enorme manifestação diante do Corpo Legislativo, cujo sucesso teria sido infalível, já que as tropas tinham declarado que não disparariam sobre o povo. Mas os operários responderam: (E é precisamente esta resposta que eu gostaria de poder negar) “A culpa é dos burgueses. Vocês trouxeram e apoiaram o Império. Agora comam a sopa que vocês mesmos prepararam, e se os prussianos derrubarem suas casas sobre suas cabeças, vocês terão apenas o que mereceram”. Repetido, gostaria de não poder acreditar nesta res-

20 Nota do autor: Eis o que o diz, sobre as disposições da esquerda radical, o Volkstaat, órgão do partido operário da Democracia Socialista na Alemanha (n.69, 27 de agosto): A principal causa que até agora tem impedido a proclamação da República são os mesquinhos escrúpulos dos republicanos honestos, que, movidos pelo medo terrível que inspira nesses o socialismo democrático, prometeram formalmente aos ministros não se ocupar de mudanças na forma do Governo enquanto um inimigo permanecer em solo francês. Eles chamam isso de “patriotismo”. Mas por trás deste patriotismo está, voluntariamente e tão bem, o abandono, a infidelidade aos princípios.

posta dos operários parisienses, mas a disposição de espírito que poderia tê-la ditado é confirmada por outra correspondência de Paris, no Volkstaat, (N. 69) um jornal que não pode querer caluniar as disposições dos operários de Paris, pois é animado pelas mais sinceras simpatias por eles. Eis o que diz este correspondente: “É sempre um grande prazer para mim passar algumas horas aos domingos entre estes simpáticos operários de Paris. A longa e estreita rua de Belleville torna-se toda preta, ou melhor, toda azul, por causa dos uniformes que a preenchem. Não há barulho, não há bêbados (pode-se ouvir o burguês, e especialmente o burguês alemão, que, do auge de sua civilização, admira generosa e complacentemente o operário), não há espancamentos. A guerra parece ter deixado bastante indiferentes seus eleitores em Rochefort. Um novo boletim tinha acabado de ser publicado na prefeitura do Faubourg. Era sobre o caso Longeville. Meus colarinhos azuis passaram diante dele encolhendo os ombros: “Exércitos alemães, diziam eles, vocês podem derrotar um Napoleão e plantar sua bandeira nas Tuileries. Nós abandonamos a vocês Notre-Dame e o Louvre. Mas vocês nunca conseguirão conquistar esta estreita e suja rua de Belleville”.

Tudo isso parece a princípio muito lógico e belo; estas palavras, assim como a resposta dos internacionais de Paris ao enviado do oficial superior - se, no entanto, esta e aquelas não tivessem sido desmentidas - provariam que existe uma divisão absoluta entre a burguesia e o proletariado. E certamente não sei eu quem reclamará disso, desde que não seja uma cisão passiva, mas uma cisão ativa. Mas que os trabalhadores de Paris e da França permaneçam indiferentes e inertes diante desta terrível invasão dos soldados do rei da Prússia, que ameaça não apenas a fortuna e a liberdade da burguesia, mas a liberdade e a prosperidade de todo o povo francês, que por ódio à burguesia e talvez também por um sentimento vingativo de desprezo e ódio contra os camponeses também, os trabalhadores vejam com um olhar indiferente os exércitos alemães invadindo, saqueando, massacrando todas as populações das províncias invadidas

e conquistadas, sem nenhuma diferença de classe: camponeses e operários ainda mais que os burgueses, porque são os camponeses e operários que mais resistem; que eles vejam com um olhar indiferente os prussianos vindo se tornar senhores da cidade de Paris, o que quer dizer se tornarem os senhores da França - eis o que jamais entenderei, ou melhor, o que eu temeria entender!

Se isto fosse verdade - e ainda espero que não seja - se fosse verdade, aqui está o que provaria: Provaria, antes de mais nada, que os operários, estreitando ao extremo a questão econômica e social, a teriam reduzido a uma simples questão de prosperidade material exclusivamente para si mesmos, ou seja, a uma utopia estreita e ridícula sem qualquer realização possível. Porque tudo se conecta no mundo humano, e a prosperidade material só pode ser a consequência de uma revolução radical e completa, abraçando, para as demolir, todas as instituições e organizações atuais e derrubando, acima de tudo, todas as potências existentes hoje, militares e civis, tanto francesas quanto estrangeiras. Isto provaria, por outro lado, que absorvidos por esta utopia insalubre, os trabalhadores de Paris e da França perderam todo o sentimento de atualidade, que não sentem ou entendem mais nada fora de si mesmos e que, por consequência, deixaram de compreender as próprias condições de sua emancipação; que, deixando de ser homens vivos e poderosos, cheios de coração, inteligência, paixão, raiva e amor, tornaram-se bípedes racionais e dogmáticos, como os cristãos sob o Império Romano. Pode-se observar que os cristãos acabaram triunfando sobre este império. Não os cristãos, eu responderia, mas os bárbaros que, livres de toda teologia e dogma, alheios a toda utopia, mas ricos em instinto e fortes em seu poder natural, atacaram e destruíram este império detestável. Quanto aos cristãos, eles triunfaram, mas como? Tornando-se escravos, porque a realização de sua utopia foi chamada de Igreja - a Igreja oficial, a Igreja do Império de Bizâncio, a Igreja Católica e Romana, - a fonte e a principal causa de toda a estupidez, de todas as vergonhas, de todas as desgraças políticas e

sociais até nossos dias.

Isto provaria que os trabalhadores, por causa de raciocínios teóricos e fascinações dogmáticas, se tornaram cegos e estúpidos. De que outra forma eles poderiam imaginar que os prussianos, uma vez que tivessem se tornado senhores de Paris, das Tuilleries, de Notre-Dame e do Louvre, se deteriam diante de sua resistência em Belleville? Os trabalhadores são numerosos, mas os números não significam nada se eles não estiverem organizados. Eles eram igualmente numerosos sob o regime de Napoleão III, mas ele os amordaçou, os maltratou, os massacrou, os fuzilou... e muitos de seus amigos, os líderes do momento, não enchem ainda as prisões de Paris e das outras cidades da França? Por que, então, tanta confusão, quando tantos fatos palpantes, atuais, provam sua impotência? Além disso, os prussianos também são numerosos e, além disso, são aguerridos nos exércitos, são armados, disciplinados e organizados. Se os deixam entrar em Paris, o que podem os operários parisienses contra eles? Só restará uma coisa a fazer, que é se submeter como escravos, ou então se deixar massacrar, como os cristãos se deixaram massacrar, sem resistência...

Entendo e compartilho completamente o ódio e o desprezo dos operários de Paris pelas Tuilleries, Notre Dame e até mesmo pelo Louvre. São todos monumentos à sua escravidão. Eu os entenderia e os aplaudiria, se os tivessem explodido em uma luta popular contra a burguesia e contra a autoridade do Estado, no início de uma revolução social. Eu ainda entenderia, se lhes faltasse energia para fazê-lo eles mesmos, se aplaudissem seus irmãos, operários da Alemanha, se estes últimos, levados e empurrados pela tempestade revolucionária para a França burguesa, viessem ali para destruir as instituições, os monumentos, o poder e até mesmo os homens da burguesia. Eu teria compreendido tudo isso, lamentando profundamente que os trabalhadores da França não tivessem encontrado em si mesmos a resolução e a energia necessárias para realizar esta tarefa por si mesmos. Ah! Se a França fosse invadida por um exército de proletários, alemães,

ingleses, belgas, espanhóis, italianos, carregando alto a bandeira do socialismo revolucionário e anunciando ao mundo a emancipação final do trabalho e do proletariado, eu teria sido o primeiro a gritar aos operários da França: “Abram seus braços para eles, eles são seus irmãos, e unam-se a eles para varrer os restos podres do mundo burguês!” Mas a invasão que hoje desonra a França não é uma invasão democrática e social, é uma invasão aristocrática, monárquica e militar. Os quinhentos ou seiscentos mil soldados alemães que estão massacrando a França a esta hora são os súditos obedientes, os escravos de um déspota empoderado por seu direito divino, e dirigidos, comandados, empurrados como autômatos, por oficiais e generais saídos da nobreza mais insolente do mundo, eles são - perguntem a seus irmãos operários da Alemanha - os inimigos mais ferozes do proletariado. Ao recebê-los pacificamente, ao permanecerem indiferentes e passivos diante desta invasão do despotismo, da aristocracia e do militarismo alemães sobre o solo da França, os operários franceses não só estariam traíndo sua própria dignidade, sua própria liberdade, sua própria prosperidade, com todas as suas esperanças de um futuro melhor, estariam também traíndo a causa do proletariado do mundo inteiro, a causa sagrada do socialismo revolucionário. Pois este ordena, no interesse dos trabalhadores de todos os países, a destruição destes ferozes bandos do despotismo alemão - como eles, por sua vez, destruíram os bandos armados do despotismo francês -, o extermínio até o último soldado do Rei da Prússia e de Bismarck, a ponto de que nenhum deles possa deixar o solo da França vivo ou armado.

Os operários, por esta atitude passiva, querem se vingar dos burgueses? Eles já se vingaram desta maneira, uma vez, em dezembro, e eles mesmos pagaram por esta vingança com vinte anos de escravidão e miséria. Eles puniram o terrível atentado dos burgueses de Junho, tornando-se eles mesmos as vítimas de Napoleão III, que os entregou, de mãos e pés atados, à exploração dos burgueses. Esta lição não lhes pareceria suficiente, e será que eles desejam, para se vingarem mais uma vez

dos burgueses, tornar-se hoje, por mais vinte anos e talvez mais, escravos e vítimas do déspotismo prussiano, que não deixaria de entregá-los, por sua vez, à exploração desta mesma burguesia?

Vingar-se sempre pelas próprias costas e em benefício das próprias pessoas contra as quais se propõe a vingança não me parece muito inteligente, e é por isso que me é impossível acreditar na veracidade dos relatórios dos correspondentes alemães. Podem os operários tão inteligentes de Paris desconhecer que a vitória definitiva dos prussianos significaria a miséria e a escravidão do proletariado francês, ainda mais do que a humilhação e a ruína da burguesia da França? Desde que haja algo a explorar, desde que a miséria obrigue o trabalhador a vender seu trabalho barato à burguesia, a burguesia se levanta novamente, e todas as suas perdas momentâneas acabam sempre recaindo sobre o proletariado. Mas o proletariado francês, uma vez acorrentado pelos prussianos, não se levantará novamente por muito tempo, a menos que os trabalhadores de algum país vizinho, mais enérgicos e mais capazes do que ele, tomem a iniciativa da revolução social.

Vejam os quais podem ser as consequências do triunfo definitivo dos prussianos, e de uma paz ditada por eles à França, após a tomada de Paris. A França perderia a Lorena e a Alsácia, e pagaria ao menos um milhão aos prussianos para cobrir suas despesas de guerra. Suponhamos que seja perfeitamente indiferente aos operários da França que duas províncias francesas caiam em poder dos prussianos. Mas o milhão a pagar não lhes poderá ser indiferente, porque o pagamento dessa imensa indenização recairá, necessariamente, como todos os impostos, sobre o povo, porque tudo o que pagam os burgueses é sempre pago pelo povo.

Os operários franceses se consolarão pela esperança de que, uma vez concluída a paz, paz necessariamente vergonhosa e desastrosa para a França, uma vez desanexadas a Lorena e a Alsácia e o milhão ou os milhões pagos, os prussianos vão se retirar e que então eles, operários, poderão fazer a revolução social? Esperança vã. Pensam eles, então, que

o rei da Prússia não teme mais que qualquer outra coisa a revolução social? E que este perigo que o ameaça e o assusta mais, em meio aos seus triunfos; que todos os exércitos reunidos ou não reunidos da França, não são, de parte do conde de Bismarck, seu inspirador e seu primeiro-ministro, objeto de uma preocupação contínua? E, se é assim, poderiam eles imaginar que logo os prussianos, tornados senhores de Paris, [quando] ditassem as condições da paz à França, não tomariam todas as medidas e todas as garantias necessárias para se assegurarem da tranquilidade e da subordinação da França por pelo menos vinte anos? Eles estabeleceram um governo em Paris que, detestado e desprezado pela França inteira, menos os camponeses, talvez, que teriam sido definitivamente cegados, e menos ainda essa ralé burocrática que se mostra sempre tanto mais devotada quanto mais canalha é o governo a que serve, um governo antinacional ao mais alto grau, e que, não encontrando nenhum apoio na França, vai se ver forçado a fundar toda a sua existência e sua força interior sobre a proteção poderosa e interessada da Prússia. Em uma palavra, eles farão à França o que a própria França de Napoleão fez à Itália. Instituirão uma vice-realeza prussiana em Paris, e ao menor movimento insurrecional do povo francês, em qualquer parte da França que seja, veremos os soldados alemães ali entrarem como senhores para reestabelecer a ordem pública e a obediência ao soberano, estabelecidas pela força de suas armas.

Sei que esta ideia e esta justa previsão chocarão a maior parte dos franceses, operários e burgueses, mesmo neste momento terrível, mesmo em meio a atual catástrofe, que vem desvelar de uma maneira tão cruel quanto inesperada a fraqueza e a decadência da nação francesa como Estado: “Como nos tornar uma vice-realeza dos Prussianos – nós, sob o jugo dos Prussianos! Nós, sofreremos que eles venham a comandar, como mestres, em nossa própria casa! Mas isso é ridículo! É impossível!” Eis o que me responderão, com raras exceções, quase todos os franceses. E eu os direi: Não, não é impossível, é, ao contrário, tão certo que se vocês não se levanta-

rem massivamente hoje para destruir até o último dos soldados alemães que invadiram o território da França, amanhã essa será a realidade. Muitos séculos de predominância nacional habituaram de tal forma os franceses a se considerar como o primeiro, como o mais poderoso povo do mundo, que os mais inteligentes não conseguem ver isso que crava os olhos de todo o mundo: que a França, como Estado, está perdida, e que ela só pode resistir, não por seu grandioso passado nacional, mas por uma nova grandeza, dessa vez internacional, por um levante em massa do povo francês, quer dizer, por uma revolução social.

Vocês dizem que isso é impossível; mas, então, com o que vocês contam? Vocês todos, homens de Estado frustrados e políticos desafortunados da França, com o que vocês contam para se defenderem contra a formidável e tão bem dirigida invasão dos exércitos alemães, contra esses exércitos tão numerosos, que unem a prudência e o cálculo sistemático à audácia, destruindo sistematicamente uma após a outra todas as forças desorganizadas que o desespero da França lhes opõem, marchando com um passo moderado, e por isso mesmo mais vitoriosos sobre Paris? Hoje, 2 de setembro, quais notícias eles anunciam pelos telégrafos da Europa? O exército de Mac-Mahon derrotado e encurralado em Sedan. O exército de Bazaine, após um combate desesperado que durou um dia e uma noite, derrotado em todos os pontos e repellido com imensas perdas para trás das fortificações de Metz... Amanhã, depois de amanhã, saberemos, talvez, que Bazaine e Mac-Mahon, isolados e cercados por forças imensamente superiores de todos os lados, carecendo de provisões e de munições, ou vão se render aos prussianos, ou vão se deixar heroicamente destruir até o último homem por eles. E depois? Depois os prussianos retomarão sua marcha sobre Paris e enviarão de todas as partes seus exércitos, que têm a força de ao menos 400.000 homens.

Mas Paris resistirá. Sim, devemos esperar que os operários de Paris, deixando enfim sua inércia culpável, tomarão as armas em suas mãos, essas armas que um governo

infame, sofrido, e de certa forma protegido pela covardia e pela imbecilidade dos republicanos parlamentares, não quer lhes dar; é preciso esperar que o povo de Paris, saindo de seu torpor, prefira se enterrar com os prussianos sob os escombros da capital da França, a deixar entrar triunfante e senhorial o Imperador dos alemães. Ninguém duvida que o povo seja capaz e esteja disposto a fazê-lo e que o fará, se não se deixar trair, no entanto, por esse governo exclusivamente bonapartista e traidor por excelência, de um lado; e de outro, pela covardia, pela incapacidade e impotência desoladora desses grandes faladores republicanos.

Mas, mesmo que Paris se defenda até o fim, a França será salva? Sim, dirão, porque durante esse tempo, um terceiro exército se forma por trás do Loire, um exército formidável. A França ainda pode levantar mais de um milhão de homens. As Câmaras já ordenaram esse levante. E quem organizará esses novos exércitos? Palikao? A imperatriz Eugênia fugindo de Paris e refugiando-se com todo seu governo em Tours ou em Burges, ou melhor, não em nenhuma grande cidade, mas em algum castelo, no meio daqueles bons campos tão dedicados ao imperador; a imperatriz Eugênia levando para a França a guerra civil reacionária e agitando o campo contra as cidades, num momento em que a França só pode ser salva pela ação unânime do campo e das cidades. - Mas não será a morte, a traição bonapartista transportada e espalhada por todos os pontos do país, a morte da França? - A traição bonapartista vai se espalhar por todo o país. Será a morte da França.

Mas suponhamos que os republicanos radicais - aquele republicano sábio, racional e positivista chamado Léon Gambetta, com toda sua companhia de argumentadores - abram finalmente os olhos para a terrível situação na qual, por sua condescendência covarde, eles contribuíram para mergulhar a França, suponhamos que envergonhados e cheios de remorso, eles decidam enfim por um ato viril (expressão de Gabetta), por um ato revolucionário de salvação pública. Que eles não deixem sair de Paris nem a imperatriz, nem sua corte, nem seu governo, nem

nenhum dos membros da direita parlamentar e que, para salvar a França da traição bonapartista, mandem enforcar todos e todas nos postes de luz de Paris.

Eu juro que eles não o farão, eles são muito galantes, muito cavalheiros, muito burgueses, muito advogados, muito capões para isso. Mas eu suponho que, na ausência de energia suficiente da parte deles, o povo de Paris, que certamente não carece dessa energia, o faça com suas próprias mãos. Quem organizará, então, o levante da França? O governo republicano ou o Comitê de salvação pública que o próprio povo instalar em Paris? Mas, de que homens serão compostos esse Governo e esse Comitê? Ali entrarão sem dúvida Trochu, Thiers, Gambetta e companhia, quer dizer, os mesmos homens que por suas covardes hesitações - hesitações causadas principalmente pelo extraordinário medo e repulsa que o socialismo revolucionário, a franca revolta do povo, inspira em todos eles na mesma medida - fizeram a França perder um mês inteiro, e isso em meio às mais terríveis circunstâncias em que a França já se viu. É preciso ser estúpido ou cego para esperar uma ação enérgica, por esperar qualquer coisa de bom, de eficaz, de real, da parte desses homens! Mas, enfim, suponhamos que eles sejam enérgicos, ou que, se eles não forem, o povo de Paris colocará homens desconhecidos e novos, verdadeiros revolucionários socialistas em seu lugar. O que este governo pode fazer para organizar a defesa da França?

A primeira dificuldade que se apresenta à mente é esta. Esta organização, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, e mais ainda na presente crise, só pode ter sucesso na condição de que o poder organizador permaneça em contato imediato, regular e incessante com o país que se propõe a organizar. Mas não há dúvida de que dentro de alguns dias, quando Paris for investida por exércitos estrangeiros, suas comunicações regulares com o país serão interceptadas. Sob esta condição, nenhuma organização é possível.

E além disso, o governo que estivesse em Paris estaria tão absorvido pela defesa de Paris, e pelo governo interno daquela cida-

de, que mesmo que fosse composto pelos homens mais inteligentes e enérgicos do mundo, seria absolutamente impossível para ele se ocupar como deveria, neste momento supremo, com a organização da revolta da França.

É verdade que o governo revolucionário eleito pela população armada de Paris poderia se mudar para fora de Paris, para alguma grande cidade provincial, para Lyon, por exemplo. Mas então não mais exercerá qualquer autoridade sobre a França, porque aos olhos do povo, especialmente aos dos camponeses, compostos de homens desconhecidos ou mesmo detestados pelo campo, derivados não do sufrágio universal, mas apenas da eleição da população parisiense, não terá nenhum título legítimo para governar a França. Se ele permanecesse em Paris, apoiado pelos operários de Paris, ele ainda poderia se impor na França, pelo menos nas cidades da França, e talvez até no campo, apesar da hostilidade pronunciada dos camponeses. Pois, como me disseram tantas vezes nossos amigos franceses, operários e burgueses, Paris exerce um prestígio histórico tão potente sobre todas as imaginações francesas, que todos os habitantes da França, cidades e campos, uns com mais, outros com menos boa vontade, sempre acabarão obedecendo.

Mas uma vez que o Governo revolucionário tenha deixado Paris, esta poderosa razão não existirá mais. Suponhamos mesmo que a grande cidade provincial em meio à qual tiver instalado sua sede, Lyon, por exemplo, o aclame e ratifique por esta aclamação os representantes eleitos da população de Paris. Mas todo o resto da França, começando por quase todo o campo, não o aclamará e não o obedecerá.

E de quais meios, de qual instrumento se servirá para se fazer obedecer? Da máquina administrativa atual? Mas ela é totalmente bonapartista: unida aos padres, ela agitará o campo contra ele. Enviará ele, para reprimir o campo revoltante, aquelas tropas regulares, que em vez de serem empregadas contra o inimigo, mantêm hoje um estado de sítio nas cidades mais importantes da França? Mas todos os generais, todos os coronéis,

todos os oficiais também são bonapartistas, e bonapartistas raivosos, pelo menos no que diz respeito a todos os oficiais superiores. Ele os desmembrará e fará com que os próprios soldados escolham novos oficiais e novos generais. Mas mesmo supondo que os soldados estejam dispostos a fazer isso, esta reorganização das tropas não pode ser feita em um único dia, levará muito tempo, e enquanto isso os prussianos acabarão tomando Paris, e a insurreição do campo, a princípio local e parcial, fomentada pelos jesuítas e pelos bonapartistas, vai se espalhar por todo o país.

Digo e repito tudo isso, porque considero o mais essencial neste momento persuadir e convencer todos os franceses, que realmente têm a salvação da França no coração, que não podem mais se salvar por meios governamentais; que seriam tolos se esperassem uma renovação dos milagres de 1792 e 1793 que, inclusive, foram produzidos não só pelo extremo exagero do poder do Estado, mas também e sobretudo pelo entusiasmo revolucionário das populações da França. Que o Estado criado por 1789 e ainda bastante jovem – e, deve-se acrescentar – bastante entusiasmado e bastante revolucionário, em 1792 e 1793 era então capaz de criar prodígios, mas que desde então ficou velho e corrupto. Revisado e corrigido e desgastado até o fim por Napoleão I, confortado e de certa forma enobrecido pela Restauração, aburguesado mais tarde pelo regime de Julho e, finalmente, completamente escravizado por Napoleão III, o Estado tornou-se agora o maior inimigo da França, o maior obstáculo para sua ressurreição e sua libertação. Para salvar a França, é preciso derrubá-lo, destruí-lo. Mas, uma vez o Estado, a sociedade oficial, derrubado e demolido com todas as suas instituições políticas, policiais, administrativas, legais e financeiras, é a sociedade natural, o povo, que retoma seus direitos naturais e se ergue.

A única e a melhor coisa que um governo eleito pela população de Paris poderia fazer, para a salvação da França, seria:

1º) Permanecer em Paris e se ocupar exclusivamente da defesa de Paris;

2º) fazer uma proclamação a toda a França, pela qual, em nome de Paris, declara abo-

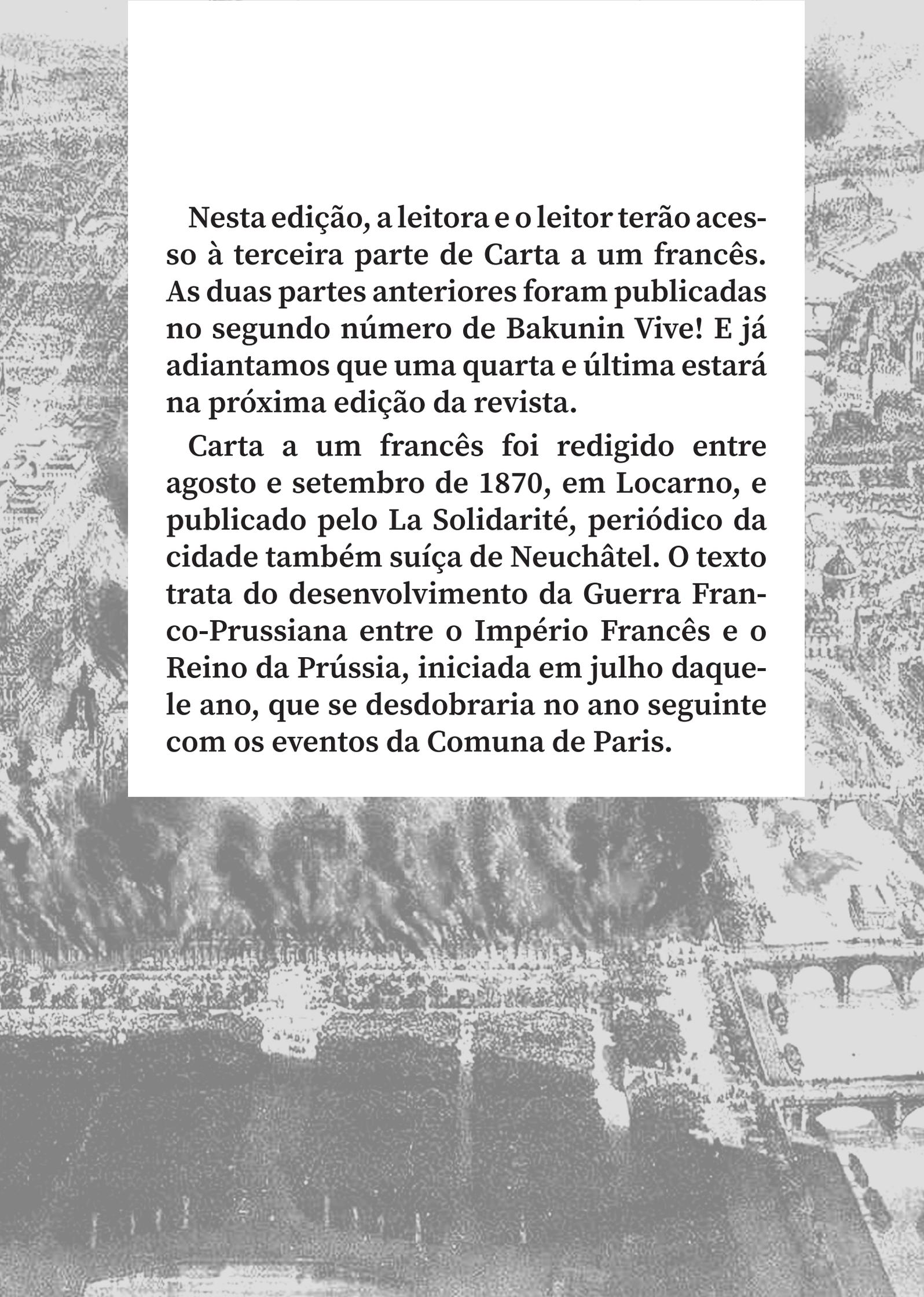
lidas todas as instituições e todas as leis do Estado e recomenda às populações da França apenas uma lei, aquela da salvação da França, de cada um, de todo mundo, provocando-as a se levantar, a se armar, arrancando as armas de quem as detém, e a se organizar fora de toda tutela e de toda direção oficial, por elas mesmas, de baixo para cima, por sua própria defesa, e pela defesa de todo o país contra a invasão dos prussianos do exterior e contra a traição dos prussianos do interior;

3º) declarar, por esta proclamação, a todas as comunas e províncias da França, que Paris, absorvida pelos cuidados de sua própria defesa, não é mais capaz de governar e dirigir a França. Que, conseqüentemente, renunciando a seu direito e ao papel histórico de direção da França, convida as províncias e comunas insurgentes, em nome da salvação da França, a se federarem entre si, sempre de baixo para cima, e a enviarem seus delegados a algum lugar, onde Paris certamente não deixará de enviar seu próprio – E que a reunião desses delegados formará o novo governo provisório e revolucionário da França.

-----

Se Paris não o fizer, se, desmoralizada pelos republicanos, Paris não cumprir estas condições, estas únicas condições de salvação para a França, então é o dever imediato e sagrado de alguma grande cidade provincial tomar esta iniciativa salutar, pois se nenhuma a tomar, a França está perdida.

(Continuação a seguir)

An aerial, black and white photograph of a city, likely Paris, showing a river (the Seine) and a bridge with multiple arches. The city buildings are densely packed, and the river flows through the center. The image is used as a background for the text.

**Nesta edição, a leitora e o leitor terão acesso à terceira parte de Carta a um francês. As duas partes anteriores foram publicadas no segundo número de Bakunin Vive! E já adiantamos que uma quarta e última estará na próxima edição da revista.**

**Carta a um francês foi redigido entre agosto e setembro de 1870, em Locarno, e publicado pelo La Solidarité, periódico da cidade também suíça de Neuchâtel. O texto trata do desenvolvimento da Guerra Franco-Prussiana entre o Império Francês e o Reino da Prússia, iniciada em julho daquele ano, que se desdobraria no ano seguinte com os eventos da Comuna de Paris.**